



PUC
RIO

CARLA DE SÁ FREIRE CARVALHO DA CUNHA

**O ESTRANHO:
UMA INVESTIGAÇÃO NA TEORIA FREUDIANA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, março de 2000

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 C972 TESE UC
Autor Cunha, Carla de Sá Freire Carvalho da
Título O estranho



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00152605

CARLA DE SÁ FREIRE CARVALHO DA CUNHA

**O ESTRANHO:
UMA INVESTIGAÇÃO NA TEORIA FREUDIANA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, março de 2000

CARLA DE SÁ FREIRE CARVALHO DA CUNHA

**O ESTRANHO:
UMA INVESTIGAÇÃO NA TEORIA FREUDIANA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação apresentada ao departamento de Psicologia
como parte dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Ana Maria Rudge

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, março de 2000

103112



150
C 972
TESE VE

A Bela, com muitas saudades,
por toda generosidade, que lhe era tão familiar,
e que torna mais fácil meu estranho caminho.

AGRADECIMENTOS

A Ana Maria pela instigante orientação, pelo cuidado, e principalmente pela inserção do olhar vivo sobre a clínica.

A PUC-RJ, especialmente ao Departamento de Psicologia e ao corpo docente, pela oportunidade de ampliar e debater idéias.

Ao professor Octavio Souza pelo interesse que tanto me estimulou.

A Marise Lira de Sousa e Vera Lucia Lima da Silva pelo carinho, atenção e pela eficiência que sempre dispensaram quando precisei.

A CAPES pela bolsa que possibilitou minha dedicação ao curso de Mestrado.

A minha mãe, paciente companheira em todas as horas.

A meu pai, Catarina e Leda, pelas novas alegrias.

A Luiz pelo amor, incentivo, desejo de conhecer e pela atenção.

A Flávia Bali, pelo debate sem medo, pela exaustiva dedicação e amizade.

A Tatiana Porto Campos pela delicadeza e amizade que dedicou à leitura.

A Angela Lobo pela atenta leitura inicial.

A Carlos Guedes Campos pelo estímulo e incentivo.

Aos participantes da pesquisa que me acompanharam debatendo idéias.

Aos analistas do Ambulatório da Igreja Santíssima Trindade pela troca de experiências.

RESUMO

Esta dissertação procura investigar metapsicologicamente a experiência de estranhamento a partir do artigo O estranho, escrito por Sigmund Freud em 1919.

O artigo é entendido à luz do momento de transição da primeira para a segunda tópica freudiana, da formulação da noção de compulsão à repetição e das modificações sofridas pelas noções de eu, recalque, retorno do recalcado e angústia.

A delimitação das noções teóricas ligadas à experiência do estranho visa não só à compreensão da experiência vivida pelo sujeito em relação a seu desejo, como também à importância de sua articulação com a clínica psicanalítica.

RÉSUMÉ

Cette mémoire a pour but l'analyse métapsychologique de l'inquiétante étrangeté à partir de l'article *Das Unheimliche*, écrit par Sigmund Freud en 1919.

L'article est abordé à la lumière du passage de la première à la deuxième topique freudienne, de la formulation de la notion de compulsion de répétition et des modifications subies par les notions de moi, refoulement, levée du refoulement et angoisse.

La délimitation de les notions théoriques liées à l'inquiétante étrangeté vise la compréhension de l'expérience vécue par le sujet par rapport à son désir, aussi bien que l'importance de sa articulation à la clinique psychanalytique.

PALAVRAS CHAVES

– ESTRANHO

– EU

– ANGÚSTIA

– COMPULSÃO À REPETIÇÃO

– RETORNO DO RECALCADO

– DUPLO

– DESPERSONALIZAÇÃO

– DESREALIZAÇÃO

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I – O ESTRANHO E SUA RELAÇÃO COM O EU	10
Capítulo II – O ESTRANHO E SUA RELAÇÃO COM A ANGÚSTIA	29
II.1 - A angústia na primeira tópica	32
II.2 - A angústia na segunda tópica	35
II.3 – A relação entre o estranhamento e a angústia em <u>O estranho</u>	43
Capítulo III – O ESTRANHO E O DUPLO	52
III.1 – <u>O duplo</u> , de Otto Rank	55
III.2 – O duplo em <u>O estranho</u> , de Sigmund Freud	77
Capítulo IV – A RELEVÂNCIA DO ESTRANHO COMO FENÔMENO CLÍNICO À LUZ DE <u>UM DISTÚRBIO DE MEMÓRIA NA ACRÓPOLE</u>	92
Conclusão	102
Referências Bibliográficas	110
Bibliografia	115

INTRODUÇÃO

Segundo a concepção homérica, o homem tem uma dupla existência: em sua presença perceptível e em sua imagem invisível, que somente a morte liberta. Isto, e não outra coisa, é sua psique. No ser humano vivente, inteiramente pleno de sua alma, habita, como um convidado estranho, *um duplo mais débil*, seu eu distinto de sua psique... cujo reino é o mundo dos sonhos. Quando o outro eu dorme, inconsciente de si, o duplo está desperto e ativo¹.

Nesta dissertação, realizamos um estudo sobre o estranho², experiência descrita por Freud como algo a ser incluído nas “qualidades do sentir”³. As qualidades do sentir são estruturadas pela teoria da estética, que tem sua origem na palavra grega *aísthesis* (sensação). Segundo Perniola⁴, a teoria freudiana da segunda tópica do aparelho psíquico promove uma reviravolta no terreno da estética: “a experiência de suspensão da consciência, característica da

¹ Rank, O., El doble, p. 100. Grifos e tradução de minha autoria.

² Adotamos aqui os termos eu, isso, supereu, recalque, recalcado, investimento, pulsão e angústia em lugar dos termos adotados pela Edição Standard da Imago que são, respectivamente, ego, superego, repressão, reprimido, catexia, instinto e ansiedade, dando preferência, porém, à forma superegóico, baseando-nos no precedente da língua portuguesa que utiliza a mesma forma para as palavras derivadas do vocábulo eu, tal como egoísmo ou egocêntrico. Mantemos a tradução brasileira da palavra alemã *unheimlich* como estranho, apesar da ressalva que pode ser feita quanto à escolha adotada em português pois, feita a partir da tradução inglesa, “não é, decerto, um equivalente exato do alemão” (Salomão, J., N. do T. em O estranho. p. 275). O adjetivo estranho foi escolhido, apesar de seu vasto limite de aplicação na língua portuguesa, por ser entendido como o “único capaz de combinar as conotações da área da semântica de ‘fantástico’, ‘misterioso’, ‘sinistro’ ”(Salomão, J., N. do T. em O estranho. p. 275), ainda que seu uso na língua portuguesa seja, muitas vezes, indefinido e impreciso. Destacamos que a conotação de sinistro incorporada pelo tradutor brasileiro à palavra estranho é bastante importante e não é necessariamente dicionarizada em português.

³ Freud, S., O estranho, p. 275.

⁴ Perniola, M., A estética do século XX. Citado em Meireles, C., ...a Estética fundamenta a Arte!..., p. 11. In: Imagem escrita.

estética desde a sua fundação, no século XVIII, teria finalmente encontrado um modo de realizar-se”⁵. Ao considerar o tema do estranho como um ramo da teoria da estética, ou seja, das sensações, Freud o relaciona não só ao que é assustador, ao que provoca medo e horror, como também à suspensão da consciência, no sentido de uma irrealidade que invade o sujeito. O estranho revela que não há “nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade”⁶. Esta faculdade, que tão freqüentemente falha, se relaciona a uma tolerância particular de cada sujeito, que pode ser insuficiente ante as exigências das circunstâncias. Não raro o sujeito duvida de sua própria existência ou vacila na apreensão da realidade. Sente-se dividido, não se reconhece, perde a razão.

A dúvida e a vacilação, contudo, não abarcam a totalidade da experiência de estranhamento. A vivência do estranho sempre é acompanhada de angústia – o afeto por excelência⁷ – e se caracteriza pelo “retorno constante da mesma coisa”⁸. Aquilo que insiste em retornar deveria permanecer escondido. Pode-se dizer, então, que a experiência de estranhamento se relaciona com o recalque e o retorno do recalcado, a angústia e a compulsão à repetição, noções cruciais da teoria psicanalítica.

⁵ Meireles, C., ...a Estética fundamenta a Arte!..., p. 11. In: Imagem escrita.

⁶ Rosset, C., O real e seu duplo, p. 11.

⁷ “Em outras palavras, a angústia nunca é concebida nem descrita como um simples estado afetivo entre outros. (...) Ela sempre ocupa (...) um lugar singular excepcional: o de elemento (...) dinâmico que anima um certo movimento em direção à verdade e que caracteriza, que assinala este movimento como movimento individual à verdade”(Baas, B., A angústia e a verdade, p. 262-263. In: Latusa 4/5). A esse respeito, ver também Lacan, J., O seminário livro X: a angústia. Inédito, por exemplo, aulas de 14 novembro e 21 de novembro de 1962.

Nossa pesquisa busca investigar e sistematizar estas relações e sua importância para a clínica psicanalítica⁹. Ela tem como base o artigo O estranho, no qual Freud consolida suas observações a respeito da experiência de estranhamento. Embora o artigo tenha sido escrito em 1919, o estranho já era um tema presente “em sua mente em 1913”¹⁰. Como Strachey observa, ele é mencionado tanto em uma nota de pé de página em Totem e tabu (1913), como em uma carta enviada a Ferenczi em 12 de maio de 1919, na qual Freud conta que desenterrara um velho texto e o estava reescrevendo.

O estranho pode ser considerado como um texto de transição¹¹. Nele são mantidas as noções de angústia e de recalque tal como concebidas na primeira tópica. Em contrapartida, apesar de a segunda tópica do aparelho psíquico ainda não ter sido formulada, algumas de suas idéias já são esboçadas por Freud. Mesmo utilizando algumas concepções da primeira tópica, Freud relaciona o estranho à compulsão à repetição. Como sabemos, ele introduz a expressão compulsão à repetição na literatura psicanalítica em 1919, embora somente cerca de um ano depois, em Além do princípio de prazer, explicita o grau máximo dessa compulsão: a pulsão de morte, novidade que contribuiu para o surgimento da segunda tópica. Ainda segundo Strachey, os dois textos foram

⁸ Freud, S., O estranho, p. 293.

⁹ “Não se pode praticar, nem mesmo por um segundo, a Psicanálise sem pensar em termos metapsicológicos (...). Esse fato é verdadeiramente estrutural da nossa atividade”. (Lacan, J., O seminário livro I: os escritos técnicos de Freud, p. 131).

¹⁰ Strachey, J., Nota do editor inglês, In: O estranho, p.273.

escritos paralelamente, já estando o texto publicado em 1920 praticamente concluído quando se deu a publicação do texto sobre o estranho.

Nosso intuito, consonante com as observações de Strachey, não é acentuar uma ruptura entre a primeira e a segunda tópicas, mas sim apostar na possibilidade de ler O estranho por meio da formulação conceitual da segunda tópica da teoria psicanalítica¹².

A hipótese através da qual investigamos a experiência do estranho partiu da conclusão freudiana de que, embora o estranho tenha íntima associação com um conteúdo recalçado que retorna e com a regressão a um modo de funcionamento psíquico anterior, “nem tudo que evoca desejos recalçados e modos superados de pensamento (...) é por causa disso estranho”¹³. Às vezes o conteúdo recalçado vem “mesclado a medos ancestrais e é tornado ainda mais assustador pela repetição, o que acaba por conferir à sua aparição o caráter de intencionalidade de uma trama macabra”¹⁴.

Na neurose, a experiência de estranhamento é efeito de um mecanismo de defesa do eu contra o aparecimento de um desejo, vinculado ao retorno do

¹¹ A esse respeito, ver também Dias, S., Paixões do ser: uma captura monstruosa, p.24.

¹² Outra particularidade do texto freudiano O estranho é que, antes de ter sido destacado por Lacan em seu seminário sobre a angústia (1962-1963), tinha sido pouco explorado na literatura psicanalítica. Atualmente, no entanto, é bastante utilizado como referência para vários temas psicanalíticos, por conjugar características tanto clínicas quanto teóricas de grande importância. Para Lacan, por exemplo, o estranho é importante para compreensão da clínica, principalmente no ponto em que este remete à angústia (Cf., O seminário livro X: a angústia. Inédito, por exemplo, aula de 19 de dezembro de 1962).

¹³ Freud, S., O estranho, p. 306.

¹⁴ Hanns, L., Dicionário comentado do alemão de Freud, p. 239.

recalcado. O estranho remete a algo que “deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz”¹⁵. Embora o retorno do recalcado seja imprescindível para o advento da sensação de estranhamento, ele não é, como Freud afirma, o único elemento presente. Como indicado acima, há efeitos do retorno do recalcado que não se confundem com o estranho.

Ora, se nem todo desejo recalcado e nem toda regressão a modos de funcionamento superados é sentido como estranhamento, o que, então, o torna peculiar?

Nossa hipótese é a de que o estranhamento, que engloba o retorno de um desejo de acordo com a compulsão à repetição, é uma experiência que freqüentemente envolve a regressão, e que, além disso, caracteriza-se por ter um valor defensivo, apesar de este movimento defensivo nunca ser bem-sucedido o suficiente para eliminar a angústia. A ligação da experiência de estranheza com o retorno de um desejo recalcado, com a compulsão à repetição, com a parcialidade do movimento defensivo e com a não eliminação da angústia são os pontos que delimitam o que esta dissertação pretende demonstrar.

As três idéias iniciais de que partimos são: em primeiro lugar, O estranho é um texto de transição da primeira para segunda tópica. Em segundo, ele responde a uma insistência do retorno do recalcado evocado pela compulsão à repetição. Não podemos deixar de enfatizar o papel da compulsão à repetição

¹⁵ Freud, S., O estranho, p. 281.

neste processo, uma vez que ela pressiona e tem como um de seus efeitos o retorno do recalado. A compulsão à repetição se vincula à insistência pulsional. Por fim, a angústia está sempre presente na experiência, já que sem ela o estranhamento seria apenas uma surpresa, sem a conotação sinistra que carrega para ser verdadeiramente o *unheimlich*.

É importante assinalar que esta experiência, como nos adverte Freud, abrange fenômenos que apontam para a regressão a formas de funcionamento psíquico anteriores. Assim, conteúdo (retorno do recalado) e forma (regressão) se combinam na vivência de estranheza.

Portanto, valorizaremos a idéia de que o estranho não se confunde com outras formas de retorno do recalado, em razão de seu valor defensivo e da especificidade deste modo de defesa. A regressão a formas mais antigas de funcionamento psíquico, ou seja, as desorganizações relativas do eu, podem compor uma forma de defesa contra o retorno do recalado, quando outras formas mais eficientes, efetivamente bem-sucedidas em evitar a angústia, não são viáveis.

Vejamos, assim, o caminho percorrido que nos sugeriu essas idéias, bem como os modos em que ele se constituiu na investigação de sua pertinência.

O primeiro capítulo desta dissertação delimita a noção de eu e suas relações com o estranho. Em razão da vinculação da experiência de estranhamento aos mecanismos de defesa do eu e ao retorno do recalado, este

capítulo procura fornecer a base para a compreensão dos seguintes. Nele, investigamos a origem do eu e suas principais funções e características, entre elas, a integração da imagem corporal, a percepção, o mecanismo de defesa do recalçamento e o retorno do recalçado, diretamente relacionado ao estranhamento. Como mediador entre as exigências internas e as do mundo externo, o eu situa-se no centro dos conflitos psíquicos, tendo grande importância para a compreensão do estranho. Além disso, ele é a sede da angústia, afeto que sempre acompanha o estranho.

O segundo capítulo trata das relações entre o estranho e a angústia. Inicialmente, investigamos a angústia na primeira tópica, já que, como foi dito, em O estranho a nova concepção ainda não havia sido formulada, e a angústia era considerada como uma consequência do recalque de uma pulsão, ou seja, a transformação direta da libido não satisfeita. As transformações trazidas pela segunda tópica para a concepção de angústia aparecem como o segundo tema deste capítulo. A angústia passa a anteceder o recalçamento e pode aparecer como um sinal para o eu, que a partir de sua ocorrência erige alguma defesa. Algumas vezes, quando não há tempo ou condições para que o eu se prepare para o perigo, a angústia pode irromper de forma automática, sendo o eu, então, inundado por ela.

Por fim, a ligação do estranhamento com a angústia é abordada a partir da análise do conto O Homem da Areia, de Hoffmann, e do papel das lembranças infantis, pontos destacados por Freud no artigo de 1919.

O terceiro capítulo aborda essencialmente o tema do duplo, já que este é utilizado por Freud para aproximar o estranho da compulsão à repetição. Para ele, aquilo que lembra para o sujeito a compulsão à repetição será sentido como estranho. O duplo é um exemplo valioso de um fenômeno em que, na maioria das vezes em que ocorre, o sujeito experimenta a sensação de estranhamento.

Como ponto de partida de nossos argumentos, utilizamos a investigação feita por Otto Rank em seu clássico trabalho O duplo (1914) e a vinculação que ele propõe do fenômeno do duplo a um distúrbio narcísico. A partir do ponto de vista freudiano, que utiliza algumas idéias de Rank, à análise do tema do duplo é acrescentada a idéia de compulsão à repetição em sua relação direta com a experiência do estranhamento. Tema bastante extenso e relevante, a compulsão à repetição é também enfocada em uma manifestação específica chamada por Freud de compulsão de destino. Embora ele tenha se referido poucas vezes à compulsão de destino, aparentemente esta foi considerada como um paradigma da compulsão à repetição¹⁶.

Assim, os três primeiros capítulos têm o propósito de investigar o estranho relacionado a cada noção destacada separadamente. Já o quarto e

último capítulo investiga o valor do estranho na clínica. Nele, a pesquisa feita nos capítulos precedentes a respeito do estranho, fenômeno ao qual todos estão sujeitos, é investigado em seu papel clínico à luz da análise freudiana de uma experiência de estranhamento ocorrida consigo próprio na Acrópole. O texto Um distúrbio de memória na Acrópole serve como sustentação para a articulação de pontos importantes da dissertação e reafirma a idéia de que, mesmo em uma pesquisa teórica, não se pode perder de vista a prática analítica, pois ela não só embasa toda opção teórica, como mantém aguçado nosso questionamento.

Por fim, concluímos a dissertação procurando responder a algumas das questões levantadas a partir da elaboração dos elementos pesquisados, não deixando, todavia, de indicar a possibilidade de outros caminhos futuros de investigação. De posse dos principais elementos desta dissertação, passemos a ela.

¹⁶ Cf., Rudge, A. Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p. 63-70.

I - O ESTRANHO E SUA RELAÇÃO COM O EU

...a natureza humana possui alcance muito maior, tanto para o bem quanto para o mal, do que pensa possuir – isto é, do que seu eu está cômico através da percepção consciente¹⁷.

O estranho é descrito por Freud como uma sensação experimentada pelo sujeito através de alguns fenômenos que revelam, primordialmente, um distúrbio no eu. Dedicaremos este primeiro capítulo às relações entre o estranho e o eu. Os fenômenos que em geral estão ligados à experiência do estranho são: o duplo, a desrealização e a despersonalização. Como será visto nos capítulos seguintes, cada um deles se apresenta como um dos modos possíveis dessa experiência.

O duplo é a percepção de uma imagem idêntica a si mesmo, ou muito semelhante em alguns aspectos, que o sujeito não reconhece como sendo a sua própria imagem, e pode ser vivido com um imenso sentimento de estranheza. A desrealização é um fenômeno determinado por “processos complexos, vinculados a conteúdos mentais peculiares e vinculados a operações feitas a respeito desses conteúdos”¹⁸. Ela é mais freqüente em algumas “doenças mentais”, mas também ocorre em “pessoas sadias”. A desrealização acontece

¹⁷ Freud, S., O eu e o isso, p. 68.

¹⁸ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 299.

devido a uma falha do funcionamento psíquico e é uma estrutura anormal como aquela dos sonhos, “os quais, apesar de ocorrerem normalmente em pessoas sadias, nos servem como modelo de distúrbio psicológico”¹⁹. A desrealização é descrita como o momento em que o sujeito não reconhece a realidade, ou algum aspecto dela, o que também tem como efeito a sensação de estranhamento. Por sua vez, a despersonalização, como um desdobramento da desrealização, é uma impressão em que o sujeito não tem mais a certeza de quem é; sua impressão de unidade e o sentimento de ser quem é ficam abalados, o que se acompanha da estranheza. Esses dois últimos fenômenos estão intimamente relacionados, pois ambos tentam manter algo fora do sujeito, como se isto não pertencesse ao próprio eu. Eles têm duas características comuns: a tentativa de manter um conteúdo distanciado do eu servindo aos propósitos de defesa e a “dependência do passado, do repertório de recordações e de experiências angustiantes da infância, que talvez tenham sucumbido ao recalque”²⁰.

Os fenômenos experimentados com estranheza muitas vezes aparecem mesclados e não podem ser nitidamente separados. Freud destaca alguns outros exemplos de fenômenos que remetem a “sensações fugidias de estranhamento”²¹, como, por exemplo, o *déjà vu*. Estas “impressões mais passageiras são fenômenos de menor ordem de grandeza, quase um reluzir

¹⁹ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 299.

²⁰ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 301.

²¹ Hanns, L., Dicionário comentado do alemão de Freud, p. 239.

momentâneo que, por assim dizer, escapou por um instante do recalque”²². Os exemplos de estranheza que têm grande intensidade, embora não ocorram com muita frequência na vida real, podem incidir sobre qualquer sujeito, pois não há proteção contra o seu aparecimento. Freud afirma que a literatura serve como lente de aumento para os enigmas encontrados na clínica, pois nos mostra experiências pontuais que ocorrem na vida dos sujeitos, através da ampliação de seus elementos.

É possível pensar a experiência do estranho vivida pelo sujeito com o auxílio da investigação metapsicológica do eu. O eu é a instância psíquica responsável pela integração da imagem de si próprio, pela percepção e pelos mecanismos de defesa, três características intimamente relacionadas aos fenômenos de estranhamento.

Strachey, na introdução do texto O eu e o isso (1923), caracterizado como marco da formulação da segunda tópica freudiana, afirma que a posição de Freud com relação ao eu é pouco clara, sendo possível demarcar ao longo de sua obra dois empregos principais. Um em que o termo eu, como self, refere-se à separação entre “uma pessoa como um todo (incluindo, talvez, o seu corpo)”²³ e as outras pessoas, e outro em que ele corresponde a “uma parte da mente, caracterizada por atributos e funções especiais”²⁴. Em Projeto para uma

²² Hanns, L., Dicionário comentado do alemão de Freud, p. 239.

²³ Strachey, A., O eu e o isso, p. 18.

²⁴ Strachey, A., O eu e o isso, p. 18.

psicologia científica (1895), a descrição de um “eu” primitivo aponta para esse segundo sentido, “e é neste mesmo sentido que é empregado na anatomia da mente, em O eu e o isso”²⁵. Em Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), outro texto-chave para a sua compreensão, o eu corresponde sobretudo a uma imagem de si mesmo. “Nem sempre é fácil, contudo, traçar uma linha entre esses dois sentidos da palavra”²⁶.

Apesar de existirem duas formas de compreensão do eu, como pessoa e como instância psíquica, não desejamos encaminhar uma distinção definitiva entre essas duas vertentes. A articulação entre esses dois sentidos está no cerne das questões sobre o eu, constituindo uma problemática presente na própria formulação freudiana da noção de eu.

O fato de privilegiar o eu como instância psíquica com atributos e funções especiais, demarcando os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico de suas relações, é importante para a análise metapsicológica do fenômeno do estranhamento, tendo se revelado particularmente importante para a compreensão teórica e clínica nos escritos de Freud da segunda tópica. A partir deste momento, Freud tanto atribuiu ao eu funções que pertenciam ao sistema consciente, como reagrupou nessa instância psíquica atividades como a censura e o teste de realidade. A faculdade de autocritica e o sentimento de culpa foram

²⁵ Strachey, A., O eu e o isso, p. 18.

²⁶ Strachey, A., O eu e o isso, p. 18.

tratados separadamente, e resultariam em funções específicas atribuídas, em 1923, ao supereu, uma diferenciação do eu.

Nossa hipótese – que remete a sensação de estranhamento ao retorno do recalado mesclado a formas de funcionamento anteriores que servem como defesa – tem uma vertente dinâmica, em que o eu

representa eminentemente, no conflito neurótico, o pólo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismos de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia)²⁷.

E uma vertente econômica, na qual o eu opera a

ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal²⁸.

Essas duas vertentes estão presentes na experiência do estranho, já que este sempre é acompanhado de angústia e da sensação de desconhecimento da realidade e de si, algo que causa no sujeito a sensação de que pode enlouquecer. Uma das formas de relacionar esse fenômeno com o eu é pensar na desorganização momentânea deste.

²⁷ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 124.

²⁸ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 124.

No eu, encontramos muitos pontos importantes para nossa tentativa de compreensão do estranho. Deste modo, primeiramente, é preciso conhecer seus mecanismos e funções. Iniciaremos a análise do eu através de sua constituição. Sua origem pode ser abordada de acordo com as duas vertentes anteriormente referidas a partir da distinção proposta por Strachey.

O termo narcisismo foi cunhado a partir do mito de Narciso em que a questão central é o amor pela própria imagem. Freud descreve como narcisismo a fase do desenvolvimento sexual intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal. O eu não existe desde sempre; para que ele se constitua é necessária “uma nova ação psíquica” que gera uma imagem unificada do próprio corpo. O narcisismo é o momento em que o sujeito toma a si mesmo e a seu corpo próprio como objetos amorosos, objetos de investimento pulsional. Esse momento possibilita a primeira unificação das pulsões sexuais em torno de um objeto, o próprio corpo formando uma totalidade. Esse ponto de vista faz com que a formação do eu coincida com a predominância do narcisismo infantil. Ao formar uma primeira imagem de si o sujeito se diferencia do não-eu. Reconhecer a si próprio como uma unidade implica em se distinguir, ao mesmo tempo, do exterior.

O reconhecimento da unidade do corpo promove a primeira unificação das pulsões sexuais. Elas investiram uma imagem e propiciaram a formação do eu como um objeto. Como todas as pulsões são parciais, elas não obtêm

satisfação total e o objeto não é completamente investido, constituindo-se como uma unidade precária. Esse momento ocasiona uma falha. Dizer que há uma falha na unificação da imagem significa afirmar que o eu é uma totalidade apenas imaginária por ser cindido em sua própria constituição.

A perspectiva de que a constituição do eu como instância psíquica é correlata à formação da imagem corporal não é unívoca na psicanálise, tendo na teoria de J. Lacan²⁹ uma de suas principais defesas:

podemos ainda pensar que tal unidade é precipitada por uma determinada imagem que o sujeito adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o eu. O narcisismo seria a captação amorosa do sujeito por essa imagem. J. Lacan relacionou este primeiro momento da formação do eu com a experiência narcísica fundamental que designa pelo nome de fase do espelho³⁰.

Além de ser uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o investimento objetal que origina o eu, o narcisismo nunca é abandonado. Ele está presente durante toda a vida. Ao mesmo tempo em que há um investimento no próprio eu, há um investimento libidinal no objeto externo. A proporção dos investimentos é variável, mas inversamente proporcional: quanto mais narcisista é menos objetal, e vice-versa.

Para diferenciar o primeiro momento de investimento e formação do eu dos investimentos posteriores, Freud nomeia o primeiro de narcisismo

²⁹ A esse respeito, ver também Lacan, J., O estágio do espelho como formador da função do eu, p. 96-103. In: Escritos.

primário, englobando os demais sob a denominação de narcisismo secundário. Deste modo, localiza o narcisismo primário como contemporâneo ao momento da primeira unificação do eu³¹, ao passo que conceitua o narcisismo secundário como o retorno da libido retirada do investimento objetal para o eu.

A compreensão da estruturação do eu a partir do narcisismo e da formação de uma imagem “pretensamente” unitária sustentada pelo eu torna-se importante para a reflexão sobre a experiência do estranho, uma vez que o eu é a instância psíquica que não só responde pela unidade do indivíduo, como também, a partir de 1923, passa a ser reconhecida como um composto de identificações a traços diversos. Sendo uma instância constituída a partir de um precipitado de identificações, portanto marcada por uma divisão, o eu, que compõe a unidade imaginária do homem, revela em sua própria estrutura a fragmentação. Como o eu é formado por identificações às vezes conflitantes e responde pela unidade da imagem, sua desorganização é uma possibilidade que sempre se mantém como horizonte. Como foi visto, desde 1914 o eu é a instância em que se conjugam os investimentos das pulsões parciais, o que já o torna propenso à fragmentação. De acordo com Freud, podemos dizer também que elas nem sempre são incluídas na organização do eu. A experiência de

³⁰ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., *Vocabulário da psicanálise*, p. 288.

³¹ Sabemos que a noção de narcisismo primário é bastante controversa em psicanálise, pois com a formulação da segunda tópica o narcisismo primário passa a ser anterior a formação do eu, por isso não pode ser mais localizado entre o auto-erotismo e a escolha de objeto. De acordo com essa visão a distinção entre auto-erotismo e narcisismo primário fica suprimida.

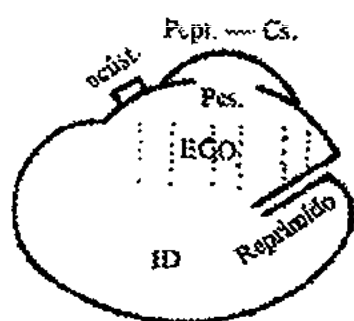
estranheza revela a impossibilidade de completude que o eu ambiciona, determinando a angústia de castração, ou seja, o estranho revela a precariedade, a fragmentação do eu que torna possível esta vivência.

Como Freud adverte, o estranho se refere ao retorno do recalçado e está vinculado à retomada de formas de funcionamento psíquico mais primárias, mais desorganizadas. Neste sentido, o estranho pode provir de uma regressão a formas de funcionamento mais antigas. A regressão revela a estrutura cindida do eu e as formas de funcionamento psíquico anteriores, como a retomada da prevalência do processo primário. Assim, a característica da compulsão à repetição imprime ao estranho seu aspecto repetitivo e desreal mais acentuado.

Tendo abordado a origem do eu em sua face de imagem através do narcisismo, analisaremos agora sua constituição na segunda tópica freudiana, na qual compõe com o isso e o supereu o conjunto das três instâncias formuladas por Freud. Essa nova formulação possibilitou que a teoria psicanalítica abarcasse de maneira mais abrangente tanto os fenômenos clínicos como as questões concernentes ao conflito psíquico. A diferenciação entre três instâncias psíquicas, que têm princípios de funcionamento próprios, não elimina a primeira teoria tópica, que concedia destaque aos dois tipos de funcionamento mental: processo psíquico primário e processo psíquico secundário.

Em nossa investigação utilizamos a concepção sustentada por Freud em Sobre o narcisismo: uma introdução.

A nova proposta freudiana redimensiona o eu com relação às “funções e aos processos que, no quadro da primeira tópica, estavam repartidos por diversos sistemas”³². A partir de 1923, o eu, compreendido como uma diferenciação do isso, origina-se tanto do sistema percepção-consciência quanto de um precipitado de identificações que o compõem. A fim de prosseguirmos na análise da origem e das relações do eu tal como teorizado em 1923, faremos uso do esquema freudiano apresentado em O eu e o isso, abaixo reproduzido.



Na figura, o eu e o isso não têm suas fronteiras claramente demarcadas. Como podemos observar, há uma fusão da parte inferior do eu com o isso. Freud afirma que o eu “repousa” – não envolvendo totalmente – sobre a superfície do isso, que é desconhecido e inconsciente. O eu se forma por meio de uma progressiva diferenciação do isso, devido à influência do mundo externo vinda do sistema percepção-consciência, que constitui a superfície e o núcleo do eu. Em consequência da incorporação da função perceptiva ao eu, torna-se uma tarefa sua o favorecimento da influência do mundo externo no isso e em suas

³² Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 133.

tendências, esforçando-se “por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no isso, pelo princípio de realidade”³³. Assim como as pulsões determinam o isso, a percepção determina o modo de funcionamento do eu. Deste modo, o eu é o representante da razão e do senso comum em contraste com o isso, que contém as paixões.

Além da participação do sistema perceptivo, o eu sofre, no processo de diferenciação a partir do isso, a influência do próprio corpo do indivíduo, em particular de sua superfície, pois é daí que provêm sensações externas e internas.

O próprio corpo de uma pessoa chega à sua posição especial entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo³⁴.

Dito de outro modo, o fato de o eu ser “primeiro e acima de tudo” corporal significa que ele deriva principalmente das sensações que têm origem na superfície do corpo. Nessa perspectiva, reafirma-se a importância atribuída em Sobre o narcisismo: uma introdução à imagem do corpo próprio para o advento do eu.

Outra afirmativa sobre a formação do eu na segunda tópica – e que também insiste sobre a importância de um investimento libidinal narcísico para

³³ Freud, S., O eu e o isso, p. 39.

³⁴ Freud, S., O eu e o isso, p. 39-40.

a preservação do eu, como anunciado em 1914 – é a sua definição como “o produto de identificações que levam à formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido pelo isso”³⁵. Muitas identificações são feitas ao longo da vida do sujeito. O eu é assim composto por um precipitado de identificações que tomam o lugar dos investimentos abandonados pelo isso. Por meio das identificações o eu pode controlar parcialmente o isso, porém paga o preço de se sujeitar a ele. Na identificação, ao assumir as características de um objeto, o eu se oferece ao isso como um objeto de amor com a intenção de compensá-lo pela perda do objeto que não pode ser investido pulsionalmente para obter satisfação. É como se o eu dissesse: “ ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’ ”³⁶.

A primeira identificação é a mais poderosa, pois ela se realiza quando o eu ainda é muito fraco; é imediata e anterior aos outros investimentos objetais, não sendo consequência de um investimento do objeto. Ela formará os alicerces de uma instância especial chamada de supereu. Este é o resultado da longa duração do desamparo, da dependência humana e do complexo de Édipo, que é a expressão permanente da influência dos pais. Deste modo, o supereu é tanto um resíduo dos investimentos de objeto do isso, como uma formação reativa em oposição a essas escolhas. Essa conformação ambígua lhe confere um aspecto duplo, pois, apesar de herdeiro do complexo de Édipo, deve recalçá-lo.

³⁵ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 125.

O aspecto duplo situa o supereu em uma posição especial em sua relação com o eu. O supereu é uma diferenciação do eu, porém o isso é a sua maior influência, podendo agir como representante de seus interesses nos conflitos com o eu. Neste sentido, o supereu se mantém à parte do eu, confrontando-se com seus outros conteúdos.

Embora o eu domine o complexo de Édipo através do supereu, ele se sujeita ao isso, pois o supereu é representante do isso. Em última instância, os conflitos entre o eu e supereu refletem “o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno”³⁷. Em outras palavras, o supereu demonstra a independência do eu consciente e a íntima relação deste com o isso inconsciente.

A formação do supereu justifica sua proximidade com o isso, outra instância psíquica, com modo de funcionamento diferente daquele próprio ao eu. Como ressaltado acima, essa diferenciação entre os modos de funcionamento ocasiona os conflitos psíquicos que são administrados pelo eu.

Voltemos ao diagrama freudiano para esclarecer a questão acerca dos diferentes modos de funcionamento. Abaixo do sistema perceptivo, encontra-se o pré-consciente, parte do eu em que o material que ali permanece pode tornar-se consciente através de um pequeno esforço. Uma parte do pré-consciente se estende até o isso, fundindo-se a ele. A parte do eu que se funde com o isso é,

³⁶ Freud, S., O eu e o isso, p. 44.

em grande parte, inconsciente. Na nova noção de eu, diversas funções lhe são atribuídas como, por exemplo, o controle da motilidade e da percepção, o teste de realidade, a antecipação, a ordenação temporal dos processos mentais, o pensamento racional, etc. Não podemos nos esquecer, todavia, de que o eu é em grande parte inconsciente e, portanto, de que também comporta o desconhecimento e as defesas compulsivas contra as pulsões.

Sabemos que são dois os modos de funcionamento do aparelho psíquico: processo primário e processo secundário. A partir dos pontos de vista econômico e dinâmico, no funcionamento psíquico em processo primário a energia escoa livremente, de acordo com os mecanismos de condensação e deslocamento, e “tende a reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo (alucinação primitiva)”³⁸. No processo psíquico secundário, a energia passa a estar ligada; assim, escoa de maneira controlada, tornando possível um adiamento da satisfação pulsional. Vale dizer, o processo secundário é uma modificação do processo primário, pois com a constituição do eu cria-se uma função de regulação que transforma o processo primário em processo secundário. Cabe ao eu o papel fundamental de inibir o processo primário; isso, porém, não quer dizer que o processo primário deixe de ocorrer no eu, já que este também funciona de acordo com as leis do

³⁷ Freud, S., O eu e o isso, p. 51.

³⁸ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 371.

inconsciente e nem sempre é bem-sucedido em inibir o modo de funcionamento em processo primário.

Passemos, assim, à análise das relações entre o eu e o isso. Como vimos, enquanto o eu sofre influência especial da percepção, o isso sofre a influência das pulsões. Entretanto o eu, sendo uma parte modificada do isso, também se sujeita às pulsões. É exatamente essa posição especial do eu que gera importantes peculiaridades em seu funcionamento para a abordagem do tema do estranho.

Freud diz que o eu “comporta-se essencialmente de modo passivo na vida e (...) [que] nós somos ‘vividos’ por forças desconhecidas e incontroláveis”³⁹. As forças que nos dominam compõem a outra parte da mente a que Freud chama de isso. Por essa razão, cabe ao eu, na relação com o isso, manter o controle sobre as descargas de excitação. Para tanto, não só utiliza forças tomadas de empréstimo, como também, muitas vezes, precisa “transformar em ação a vontade do isso, como se fosse sua própria”⁴⁰.

Além de sua própria divisão interna, o eu é o intermediário entre o isso, o mundo externo e o supereu, fato que lhe confere uma posição fronteira, que o torna, por um lado, encarregado de importantes funções e, por outro, vulnerável e ameaçado por três perigos. Nesta composição, o eu tem suas fraquezas e sua força.

³⁹ Freud, S., O eu e o isso, p. 37.

As relações do eu com o sistema perceptivo lhe conferem as seguintes funções: ordenação temporal dos processos mentais; submissão de tais processos ao teste da realidade; adiamento das descargas motoras; e controle da motilidade. A outra parte do eu regida pelo processo psíquico secundário obedece às leis do princípio de prazer-desprazer, proporcionando a ele uma posição peculiar: o eu tem vários relacionamentos dependentes e faz grande esforço para “comprazer todos os seus senhores ao mesmo tempo”⁴¹. Por não ser sempre possível satisfazer a todos, surgem conflitos. Daí Freud deriva a compreensão de que as neuroses não são a expressão de um conflito entre o consciente e o inconsciente, mas sim o resultado da “antítese entre o eu coerente e o recalcado que é expelido (*split off*) dele”⁴².

A fim de se defender dos conflitos gerados pelas exigências das outras instâncias o eu utiliza mecanismos de defesa. Estes visam repelir ou afastar não só da consciência, mas também de outros tipos de atividade algumas tendências da mente, ocasionadas por determinados destinos das pulsões ou por percepções ligadas a tais pulsões. Existem vários mecanismos de defesa como, por exemplo, dentre aqueles relacionados aos destinos das pulsões, o retorno sobre a própria pessoa e a inversão ao seu contrário; e dentre os relacionados às percepções que se tem a respeito das pulsões, a regressão, a introjeção, a projeção, a formação

⁴⁰ Freud, S., O eu e o isso, p. 39.

⁴¹ Freud, S., Neurose e psicose, p. 189.

⁴² Freud, S., O eu e o isso, p. 30.

reativa, a denegação e a rejeição. Entre as formas defensivas uma pode ser destacada: o recalçamento. O recalque tem a especificidade de ser “constitutivo do inconsciente enquanto tal”⁴³ e, em um sentido mais amplo, ele seria o protótipo de outras formas de defesa.

Por meio do recalque, o eu inibe e prejudica determinada parcela do isso, mas, ao mesmo tempo, o isso ganha e o eu perde um pouco de sua soberania, pois o recalçado, que foi excluído de sua organização, fica submetido apenas às leis que dominam o inconsciente. Em uma segunda fase da defesa, o eu evita o retorno do material recalçado, criando uma representação substitutiva (o sintoma), que é uma formação de compromisso entre a satisfação da pulsão recalçada e a defesa que a torna irreconhecível. Essa tentativa de defesa do eu visa evitar o desprazer que determinada pulsão pode gerar. Mas, mesmo afastado da consciência, o recalçado continua a pressionar na tentativa de retornar. Portanto, a manutenção do recalque exige um dispêndio constante de energia. De sua parte, o eu utiliza uma força do pré-consciente (contra-investimento) que se opõe à insistência pulsional proveniente do isso. Esse conflito foi gerado pelas exigências de satisfação feitas pelas pulsões, incessantemente e em conflito com a realidade.

O recalçamento é uma defesa precária podendo falhar. Há casos de retorno do recalçado em que algo escapa da defesa, reaparecendo e

⁴³ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 279.

presentificando-se para o sujeito. Quando a pulsão se manifesta como uma força avassaladora, ela não pode ser recalçada.

Em O recalque (1915), Freud distingue três momentos do recalque.

No primeiro, mítico, ocorre o recalque primário que

não incide sobre a pulsão enquanto tal, mas em seus sinais, em seus 'representantes', que não têm acesso à consciência e aos quais a pulsão permanece fixada. Foi criado assim o primeiro núcleo inconsciente funcionando como pólo de atração para os elementos a recalcar⁴⁴.

O segundo é o do recalque propriamente dito, que, como visto, é um processo em que ocorrem ao mesmo tempo uma atração desse pólo e uma repulsa por parte do eu via energia do pré-consciente. O terceiro tempo, o momento do retorno do recalçado, é o mais importante para nossa dissertação. Como destacamos acima, o material recalçado não é aniquilado; ele tende a reaparecer. Em geral, sua aparição depende, ao menos, de um entre três fatores: o enfraquecimento do contra-investimento, o aumento da pressão pulsional e a ocorrência de um evento atual que evoque o recalçado. Esse retorno faz uso da compulsão à repetição, que é parte essencial da pulsão em sua busca de satisfação. O último fator, o acontecimento atual, é bastante interessante para nossa análise porque exemplifica a importância do presente, e não exclusivamente do infantil, na produção do fenômeno do estranhamento.

De acordo com o que apresentamos até aqui, podemos dizer que o eu tem, em sua própria estrutura originária e em seu funcionamento, a possibilidade de se desorganizar nos momentos em que sua posição de intermediário entre o mundo, o isso e o supereu não pode ser sustentada de maneira adequada, surgindo um conflito entre o eu coerente e o recalado. Assim, o estranhamento pode surgir em um desses momentos em que o material recalado retorna e o eu fica sujeitado às formas de funcionamento primárias, perdendo sua organização. A incompletude que aparece nestes momentos para o sujeito remete à angústia de castração, já que ele se sente ameaçado.

Portanto, a fim de avançarmos em nossa pesquisa sobre o estranho, passemos ao próximo capítulo, que investiga a relação entre o estranhamento e a emergência da angústia que sempre o acompanha.

⁴⁴ Laplanche, J. & Pontalis, J.B., Vocabulário da psicanálise, p. 433.

II - O ESTRANHO E SUA RELAÇÃO COM A ANGÚSTIA

Sou aterrorizada por essa coisa negra
 Que dorme em mim;
 O dia inteiro sinto seu roçar leve e macio, sua maldade⁴⁵.

Até agora foi dito que o estranhamento envolve falhas nas funções do eu ligadas principalmente à percepção como, por exemplo, aquelas que incidem na constituição da imagem, na consciência e no teste de realidade. Este capítulo tem o propósito de discutir a articulação da experiência de estranhamento com a emergência da angústia. Apesar das limitações da concepção de angústia da primeira tópica⁴⁶, que seriam reformuladas posteriormente, a articulação entre esta e a experiência de estranhamento é afirmada ao longo de O estranho na seguinte passagem:

todo afeto pertencente a uma moção pulsional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se recalcado, em angústia, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo recalcado que *retorna*. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum *outro* afeto⁴⁷.

⁴⁵ Plath, S., Poemas, p. 33-35.

⁴⁶ A esse respeito, ver também Vieira, M., A inquietante estranheza, p. 130. In: Latusa 4/5.

Intimamente vinculado à angústia, o estranho é regularmente acompanhado por ela. O caráter assustador é a qualidade específica da estranheza em associação com o desejo que retornou. O estranho é uma experiência relacionada a fenômenos que têm propósitos defensivos contra o retorno do reprimido. Essa experiência, no entanto, não elimina a angústia. Sob este ponto de vista, podemos dizer que o estranho e a angústia formam um “par”. Quais são as relações assim como os pontos de ruptura entre os elementos deste “par”? Considerando que o estranhamento e a angústia não são o mesmo, que cada qual apresenta suas características peculiares, o que marca a diferença entre a experiência do estranho e a emergência isolada da angústia?

Inicialmente, é necessário observar que o conceito de angústia na teoria psicanalítica sofreu transformações em sua formulação. Deste modo, faremos um estudo deste conceito em dois momentos diferentes para, de posse das articulações conceituais necessárias, analisarmos a articulação da angústia com o estranhamento.

O primeiro momento pode ser exemplificado pela Conferência XXV: a angústia, proferida entre 1916-1917 e destacada pelo próprio Freud como a sua mais completa abordagem sobre o assunto até meados da década de 1920. O segundo, demarcado pelas modificações introduzidas pela segunda tópica, pode ser encontrado em Inibições, sintomas e angústia (1926[1925]), a grande

⁴⁷ Freud, S., O estranho, p. 300.

exposição freudiana sobre o tema. Quando necessário, utilizaremos como referência adicional a Conferência XXXII: angústia e vida pulsional (1933[1932]), por ser especialmente clara em algumas passagens que dão continuidade às idéias expressas em 1926.

A distinção entre duas concepções de angústia, todavia, não significa que a teoria da angústia de 1926 tenha invalidado as formulações anteriores. Ao contrário, a primeira teoria é subsumida em vários aspectos pela segunda. Para a finalidade de nossa exposição, no entanto, é interessante separar os dois momentos.

Em O estranho, Freud inicia o exame da relação entre a experiência do estranho e a angústia após a análise etimológica da palavra *unheimlich*⁴⁸. Como já foi dito, ele trabalhava a angústia como concebida na Conferência XXV. Nesse texto, os conceitos de angústia e de recalque ainda não tinham sofrido as modificações incluídas em 1926, apesar de Freud já introduzir as novidades relativas à teoria das pulsões, apresentadas de forma mais sistemática em Além do princípio de prazer.

⁴⁸ Freud faz uma longa análise sobre a significação antitética da palavra *unheimlich* no início de seu artigo. Embora esta já tenha sido bastante discutida, resumidamente ressaltamos que a peculiaridade da palavra alemã *unheimlich* é não ser apenas o oposto de *heimlich*, ou seja, a equação estranho = não familiar não é suficiente para entendê-la. Entre os diferentes matizes de significado da palavra *heimlich*, existe um que é idêntico ao seu oposto, *unheimlich*. Assim, a palavra *heimlich* porta dois sentidos por significar ao mesmo tempo estranho e familiar. *Unheimlich*, sendo uma subespécie de *heimlich*, traz em si a proximidade com o familiar: “do ponto de vista psicanalítico (...) Freud procura demonstrar que tal ambiguidade também se faz presente em *das Unheimliche*” (Hanns, L., Dicionário comentado do alemão de Freud, p. 232). Por isso tudo, *unheimlich* é o que deveria ter continuado oculto mas apareceu.

Na sua introdução ao texto Inibições, sintomas e angústia, Strachey afirma que a formulação da primeira teoria sobre a angústia a compreendia como o resultado da transformação da excitação libidinal acumulada. Como esse acréscimo de tensão resultava do recalque, a angústia era a sua consequência. Somente em 1926 Freud passou a considerar a angústia como uma reação automática ou como um sinal emitido pelo eu perante uma situação de perigo pulsional ou de perigo externo. Como veremos detalhadamente adiante, nesse momento a angústia passa a ser concebida como algo prévio ao recalque.

A formulação da segunda tópica freudiana é a condição de possibilidade da reorientação do conceito de angústia na psicanálise. Com a dissociação do aparelho mental em três instâncias psíquicas, eu, isso e supereu, estabeleceu-se a tese de que o eu é a única sede da angústia.

II.1 - A angústia na primeira tópica

Na Conferência XXV, a angústia é concebida como um afeto que tem como protótipo o ato do nascimento. O nascimento gera uma combinação de

sensações desprazíveis, impulsos de descarga e sensações corporais, a qual se tornou o protótipo dos efeitos de um perigo mortal e que desde então tem sido repetida por nós como o estado de angústia⁴⁹.

⁴⁹ Freud, S., Conferência XXV, p. 462.

Ela é, portanto, uma herança da espécie incorporada ao organismo, da qual nenhum indivíduo pode escapar. Apesar de a angústia poder ser adequada como uma defesa psíquica quando se limita a um sinal, Freud acentua que o estado de angústia é sempre inadequado “para fins práticos”⁵⁰, em particular quando gera um estado que paralisa a ação de defesa ou a fuga do organismo. Tanto mais inadequado quanto mais elevado em sua intensidade.

O início da exposição de Freud demarca uma diferenciação entre angústia real, aquela que corresponde a uma reação aos perigos externos e reais, e angústia neurótica, estreitamente vinculada à “limitação sexual”, à descarga insuficiente de libido. Em seguida, todavia, ele revela a conexão entre a angústia real e a angústia neurótica ao dizer que a angústia é sempre uma reação do eu ao perigo, seja ele interno ou externo. Do mesmo modo, quando o eu se vê frente a uma ameaça interna (pulsional), ele a trata como se fosse um perigo externo do qual deve se defender.

Na angústia neurótica, a excitação de libido não descarregada pode ser encontrada sob a forma de uma apreensão generalizada em que há “uma espécie de angústia livremente flutuante, que está pronta para se ligar a alguma idéia”⁵¹ que seja oportuna para esse fim. Sob uma segunda forma, ela é psiquicamente vinculada a determinados objetos e situações, como observado nas fobias. A angústia também pode aparecer sem apresentar nenhuma conexão aparente com

⁵⁰ Freud, S., Conferência XXVI, p. 501.

algo ameaçador. Ora, esse é o ponto que vincula a angústia neurótica à vida sexual, ou melhor, a “certos empregos de libido”⁵². Quando a excitação sexual não encontra descarga suficiente, “a excitação libidinal desaparece e a angústia aparece em seu lugar”⁵³.

Essa transformação em angústia depende de fatores quantitativos. Freud observa que a angústia está situada na “esfera dos processos somáticos”⁵⁴ uma vez que ela sempre se traduz por sensações corporais. Quando o curso dos eventos psíquicos inconscientes é submetido ao recalçamento, este desliga a idéia do afeto específico que a acompanhava, e esse afeto “seja qual for sua qualidade própria, invariavelmente é substituído pela angústia”⁵⁵. A partir dessa idéia, Freud cria a imagem de que a angústia é como uma “moeda corrente universal”⁵⁶, que pode ser trocada por qualquer pulsão caso haja recalque sobre o conteúdo ideativo ligado a ela.

Na criança, a transformação da libido não utilizável em angústia é constante. Na vida adulta, há uma modificação nesse processo, pois, segundo Freud, o adulto aprendeu a manter suspensa a libido e empregá-la de outra forma.

⁵¹ Freud, S., Conferência XXV, p. 464.

⁵² Freud, S., Conferência XXV, p. 468.

⁵³ Freud, S., Conferência XXV, p. 468.

⁵⁴ Freud, S., Conferência XXV, p. 469.

⁵⁵ Freud, S., Conferência XXV, p.470.

⁵⁶ Freud, S., Conferência XXV, p. 470.

Portanto, na Conferência XXV, o recalçamento antecede a angústia; ele é o causador da angústia. Já que o estranho se vincula à angústia e ao retorno do recalçado, vejamos como essas idéias se modificam.

II.2 - A angústia na segunda tópica

Em Inibições, sintomas e angústia, Freud afirma que a angústia é, em primeiro lugar, um afeto acompanhado de sensações físicas que são percebidas pelo sujeito em órgãos de seu próprio corpo. Não em todos: para Freud, a angústia é a reprodução de uma experiência ocorrida frente a um perigo em que houve um aumento de excitação no aparelho psíquico descarregada através de trilhas específicas. “A angústia, portanto, é um estado especial de desprazer com atos de descarga ao longo de trilhas específicas”⁵⁷.

Embora a angústia tenha “um caráter muito acentuado de desprazer”⁵⁸, nem todo desprazer pode ser chamado de angústia. O desprazer próprio à angústia tem a particularidade de estar calcado no nascimento do ser humano, ou seja, na primeira reação a um estado de perigo. Posteriormente, a situação considerada como perigosa e contra a qual o homem deve se proteger “é a de não satisfação, de uma *crescente tensão devida à necessidade*, contra a qual [ele] é inerte”⁵⁹. Como vimos, em 1917 Freud demarcara o ato do nascimento

⁵⁷ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 156.

⁵⁸ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 155.

⁵⁹ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 161.

como protótipo da angústia como um afeto ligado a processos de descarga específicos situados na esfera somática e que não podiam ser dominados de outro modo.

Seguindo sua argumentação, Freud afirma que a angústia pode surgir de dois modos diferentes: ante a emergência de perigo, de maneira automática e involuntária, ou como um sinal com a intenção de impedir que uma nova situação de perigo ocorra. Todavia a angústia, tanto como um fenômeno automático quanto como um sinal, é conseqüência do “desamparo mental da criança”⁶⁰ e similar a seu desamparo biológico no nascimento, época em que é totalmente dependente dos cuidados de alguém para sobreviver.

Com a segunda tópica já formulada, Freud considera que, no primeiro caso, se estabelece no isso uma situação análoga ao trauma do nascimento, ocorrendo “uma reação automática de angústia”⁶¹, já no segundo, há um processo que “ativa uma das situações de perigo para o eu”⁶², este emite o sinal de angústia e desperta a instância prazer-desprazer, provocando o recalque da pulsão perigosa com a finalidade de inibir o processo. Os dois casos mantêm proximidade, pois a angústia sob a forma de uma reação automática se relaciona a uma situação de perigo mais antiga e original, e como um sinal, corresponde a

⁶⁰ No nascimento, o bebê não apresenta um aparelho psíquico suficientemente desenvolvido, não existindo diferenciação entre o eu e o isso para poder lidar com os estímulos do mundo externo e interno, que por isso são sentidos de maneira muito intensa.

⁶¹ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 165.

⁶² Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 165.

qualquer um de seus determinantes posteriores que tenham se originado desse primeiro momento. Além disso, sendo a angústia emitida como um sinal ou aparecendo automaticamente, o eu fica claramente definido como sua sede e seu único operador.

Freud argumenta que, ao longo do desenvolvimento, nas diferentes fases da vida do indivíduo, o aparelho psíquico enfrenta novas necessidades e não é ameaçado pelos mesmos perigos em todas elas. Com o desenvolvimento do aparelho anímico, torna-se possível ampliar os limites e dominar os estímulos, mas, de algum modo, a angústia permanece sempre ligada a um perigo iminente que surge para o indivíduo. Em um primeiro momento, a criança sente angústia frente à perda do objeto; em um segundo momento, na fase fálica, a angústia de castração tem relação com o medo da perda e da separação de um objeto muito valioso e com o medo da perda do amor do objeto; posteriormente, com a introjeção do objeto de forma a originar o supereu como instância do psiquismo, é este que impõe a angústia moral. Dito de outro modo, o eu considera a possibilidade de o supereu estar com raiva dele, puni-lo ou deixar de amá-lo como o perigo ao qual reage com um sinal de angústia. O temor ao supereu como um determinante da angústia não desaparece e acompanha o indivíduo por toda sua vida. Tal fato, porém, não quer dizer que esses determinantes de angústia estejam impossibilitados de coexistirem; o eu

pode reagir com angústia a qualquer um deles, ou a vários deles ao mesmo tempo, em um momento posterior ao “apropriado”.

Mesmo com a nova elaboração sobre a angústia, Freud mantém um ponto em que sustenta a teoria formulada anteriormente. Ele afirma que a abstinência sexual ou a interferência imprópria no curso da excitação sexual, em que não haja elaboração psíquica, faz com que a angústia surja “diretamente da libido”⁶³, e não do eu.

Em outras palavras, (...) o eu fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devida à necessidade, como ocorreu na situação do nascimento, e (...) a angústia é então gerada⁶⁴.

Porém, como será esclarecido a seguir, esse ponto não foi mais sustentado a partir de 1933.

Na primeira tópica e, conseqüentemente, na concepção de angústia da época, o recalque provocava o surgimento da angústia por impedir a satisfação pulsional, gerando mais tensão. Freud, no entanto, descobriu que “a angústia já existia antes”⁶⁵ e que era justamente ela que provocava o recalque. Por sua vez, isto não exclui que o caso anterior também ocorra, pois a insistência do retorno do recalque pode ser sentido como desprazer, provocando a emergência da angústia.

⁶³ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 165.

⁶⁴ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 165.

Como vimos anteriormente, em sua segunda tópica Freud redefiniu sua concepção, estabelecendo que a angústia antecede o recalque e não o contrário. A angústia sinaliza para o eu a conveniência de utilizar o recalçamento, ou seja, ela é uma antecipação da situação de perigo. O temor à castração, como vimos, é um dos motivos para que ocorra o recalçamento, mas não é o único. Para as mulheres, o que é mais temido é a perda do amor, entretanto nem sempre a situação de perigo pode ser evitada, podendo a elevação da tensão levar à descarga automática.

A transformação da idéia de que o recalque é posterior à angústia é importante porque, através do sinal de angústia, o eu pode se proteger da pulsão perigosa e recalca-la. Assim, para efetuar um recalçamento o eu antecipa que a satisfação pulsional recriaria uma situação de perigo, e atrai a moção pulsional para sua organização. Com isso, há “a reprodução dos sentimentos desprazerosos no início da situação de perigo temida”⁶⁶. Assim, o princípio de prazer-desprazer é automaticamente despertado por meio de um sinal de angústia e executa o recalque da pulsão perigosa.

Várias reações possíveis decorrem dessa atitude, podendo haver inclusive uma combinação delas:

⁶⁵ Freud, S., Conferência XXXII, p. 108.

⁶⁶ Freud, S., Conferência XXXII, p 113.

Ou o ataque de angústia desenvolve-se completamente e o eu se afasta inteiramente da excitação censurável; ou, em lugar do investimento experimental, o eu opõe à excitação um contra-investimento, e este se combina com a energia da pulsão recalcada para formar um sintoma; ou o contra-investimento é assimilado no eu como formação reativa, como intensificação de determinadas disposições do eu, como alteração permanente deste⁶⁷.

Mas se o eu passa a não ter mais motivo para se desviar de uma nova moção pulsional semelhante à recalcada, devido a alguma modificação na situação de perigo, a nova pulsão “seguirá seu curso sob uma influência automática — ou, como eu preferiria dizer, sob a influência da compulsão à repetição”⁶⁸. Assim, a pulsão segue a mesma trilha marcada pela anterior, que foi recalcada, “como se a situação de perigo que tivesse sido superada ainda existisse”⁶⁹. A compulsão à repetição se vincula aqui à trilha que o recalque inaugura, ou seja, à fixação no recalque, e só pode ser “eliminada pela função livremente móvel do eu”⁷⁰. Muito raramente, o eu é capaz de romper as barreiras do recalque que ele mesmo ergueu e consegue influenciar novamente a moção pulsional, dirigindo o curso desta nova moção de acordo com a situação modificada de perigo. Isso ocorre porque ele não pode desfazer seus recalcamientos. Portanto, são as relações quantitativas que determinam se as situações antigas de perigo são ou não mantidas e, conseqüentemente, se os recalcamientos serão mantidos e se as neuroses infantis terão continuidade.

⁶⁷ Freud, S., Conferência XXXII, p 114.

⁶⁸ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 177.

⁶⁹ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 177.

A idéia do trauma e do desamparo em sua relação com a angústia é retomada em Inibições, Sintomas e Angústia e na Conferência XXXII, pois o que é temido como objeto da angústia é a emergência de um momento traumático, que não pode ser dominado com as regras normais do princípio de prazer⁷¹. Como já dissemos, há duas origens para angústia: ou decorrência direta do momento traumático, ou sinal que indica a ameaça da repetição de um tal momento.

Portanto, ser adulto não é, em absoluto, uma proteção “contra um retorno da situação de angústia traumática original”⁷². Afinal, há para todos um limite que, se ultrapassado, leva o psiquismo a falhar “na sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas”⁷³, tornando possível o surgimento da angústia.

Assim, vemos que o princípio de prazer não nos garante de forma absoluta contra danos objetivos, já que:

é apenas a magnitude da soma de excitação que transforma uma impressão em momento traumático, paralisa a função do princípio de prazer e confere a situação de perigo sua importância⁷⁴.

⁷⁰ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 177.

⁷¹ Freud, S., Conferência XXXII, p. 118.

⁷² Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 172.

⁷³ Freud, S., Inibições, sintomas e angústia, p. 172.

⁷⁴ Freud, S., Conferência XXXII, p. 118.

É possível que momentos traumáticos surjam onde "a angústia não é despertada como um sinal, mas sim gerada de novo [como angústia automática], por um motivo novo"⁷⁵.

A insistência pulsional não é dominada de uma vez por todas pelos princípios de prazer e de realidade. O recalco não cessa de retornar e, (...) a manifestação pulsional pode até escapar do que possa ser concebido como dentro do âmbito do princípio de prazer. Imaginar o aparelho psíquico constituído de uma vez por todas equivaleria a pensar um eu forte, imutável, que desse conta das mais diversas circunstâncias de vida sem qualquer processo de reformulação e sem correr o risco de submergir na angústia traumática⁷⁶.

De posse das duas posições freudianas sobre a angústia, podemos observar que tanto na Conferência XXV quanto em Inibições, sintomas e angústia mantém-se a relação da angústia com o acúmulo de excitação que não pode ser eliminado ou descarregado, e que é sentido pelo eu como um perigo que o ameaça – modelo que tem no trauma do nascimento seu protótipo. Em seu desamparo mental, todos os homens estão sujeitos ao trauma, limite do qual não se pode escapar.

A diferença entre as duas concepções sobre a angústia é esclarecida pelas afirmações de que o eu é a sede única que gera o afeto de angústia e que a angústia precede e provoca o recalque. A partir de 1926, em apenas uma passagem Freud admite a transformação direta da libido em angústia, porém sua

⁷⁵ Freud, S., Conferência XXXII, p. 118.

⁷⁶ Rudge, A., Pulsão e Linguagem: uma concepção psicanalítica do ato, p. 29.

posição parece mais uma tentativa de conciliar os dois momentos. Podemos considerar que esta concepção não é mais aceita neste momento, sendo totalmente abandonada em 1932 na conferência sobre a angústia e a vida pulsional. Em outras palavras, o eu pode gerar angústia por uma exigência de satisfação pulsional que eleva bastante a excitação no aparelho, mas a libido não pode se transformar diretamente em angústia. Anteriormente, a dificuldade em conciliar os pontos de vista sobre a angústia era tornar compatíveis três asserções: que o perigo sentido pelo eu gera um sinal de angústia; que a libido é diretamente transformada em angústia; e que ela surge a partir do processo de recalque. Como o próprio Freud afirma em suas Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, ao falar sobre a concepção que vigorava anteriormente: “tem-se a impressão de que aqui está faltando algo que juntaria todas essas peças em um todo”⁷⁷.

Tendo em mãos um pequeno apanhado sobre o conceito de angústia, examinemos as passagens em que Freud a articula ao estranhamento no texto O estranho.

II.3 - A relação entre o estranhamento e a angústia em O estranho

Como vimos, a experiência de estranheza é sempre acompanhada de angústia. Resta a questão que investigaremos agora: o que faz com que a

⁷⁷ Freud, S., Conferência XXXII, p. 107.

emergência da angústia possa se manifestar com a tintura peculiar que é descrita em O estranho?

Através da análise do conto de E. T. A. Hoffmann O Homem da Areia, Freud destaca que a principal causa de estranheza no conto liga-se ao medo de perder os olhos. Este medo vincula-se a recordações infantis que Nataniel não pode banir. As recordações infantis do personagem principal assumem grande importância na explicação da estranheza causada pelo Homem da Areia. Nataniel, apesar de feliz, “não pode banir as lembranças ligadas à morte misteriosa e apavorante do seu amado pai”⁷⁸.

Para Freud, o medo da perda dos olhos representa o medo da castração, relação que pode ser justificada através de inúmeros exemplos, entre os quais Édipo, que furou os próprios olhos para atenuar o “castigo da castração”⁷⁹, e também é encontrada em sonhos e fantasias. Se o temor de perder os olhos se relaciona tão intimamente à morte do pai, em que, afinal, Hoffmann estaria pensando senão na angústia de castração, ao narrar a angústia do personagem em relação aos próprios olhos? E por que, então, o Homem da Areia surge impedindo o amor de Nataniel? Estas perguntas feitas por Freud têm o objetivo de mostrar a ligação do medo da perda dos olhos com a angústia de castração. E, em última instância, já que “o sentimento de algo estranho está ligado diretamente à figura do Homem da Areia, isto é, à idéia de ter os olhos

⁷⁸ Freud, S., O estranho, p. 285.

roubados”⁸⁰, este vincula-se à angústia de castração associada aos desejos infantis que querem expressão.

As palavras de Freud descrevem a aproximação da seguinte forma:

arriscar-nos-emos, portanto, a referir o estranho efeito do Homem da Areia à angústia pertencente ao complexo de castração da infância. [Deve-se verificar a idéia de transformar um] fator infantil como este responsável por sentimentos de estranheza”⁸¹.

O elo entre estes três elementos – o sentimento de estranhamento, a angústia de castração e as recordações infantis – são os desejos recalçados que o personagem não pode banir. Ao retorno de um desejo recalçado Freud soma outra característica observada na experiência de estranheza: a regressão ao modo de funcionamento psíquico que foi superado após a primeira infância. O que causa estranheza também se relaciona às crenças infantis superadas, à regressão à fase da onipotência dos pensamentos. Deste modo, observam-se duas características que aparecem no estranhamento: o retorno de um conteúdo recalçado e a regressão a uma forma de funcionamento psíquico anterior, resíduos da atividade mental animista do narcisismo. “A fonte de sentimentos de estranheza não seria, nesse caso, portanto, um medo infantil; mas, antes, seria um desejo ou até mesmo simplesmente uma crença infantil”⁸².

⁷⁹ Freud, S., O estranho, p. 289.

⁸⁰ Freud, S., O estranho, p. 288.

⁸¹ Freud, S., O estranho, p. 291.

⁸² Freud, S., O estranho, p. 292.

Além do conteúdo recalçado que retorna, a vivência de estranheza traz resíduos da fase infantil do desenvolvimento. “Tudo aquilo que agora nos surpreende como ‘estranho’ satisfaz a condição de tocar aqueles resíduos de atividade mental animista dentro de nós e dar-lhes expressão”⁸³.

Neste ponto, a articulação freudiana liga o estranhamento, a angústia de castração, o retorno do recalçado, a regressão à atividade animista e as recordações infantis. São as recordações infantis, em particular, que permitem a distinção entre as formações de compromisso e o aspecto defensivo da experiência de estranheza. Freud afirma que devemos “diminuir a distinção entre as lembranças encobridoras e as outras lembranças derivadas de nossa infância”⁸⁴. No conto, uma lembrança infantil do personagem (Nataniel) deixa de funcionar em seu propósito encobridor, falhando no compromisso de evitar a angústia. Como sabemos, a lembrança encobridora é uma formação de compromisso entre o conteúdo recalçado e a defesa, porém, embora toda lembrança infantil seja encobridora, é possível dizer que, ao mesmo tempo, ela não o é, pois comporta um fracasso, que revela o que tenta recobrir. Esta lembrança se caracteriza por ser simultaneamente muito nítida e aparentemente insignificante em seu conteúdo, e está ligada tanto a experiências infantis marcantes, como a fantasias inconscientes. O valor da lembrança não se refere ao seu próprio conteúdo, mas sim à relação entre aquele que se apresenta e outro

⁸³ Freud, S., O estranho, p. 300.

conteúdo suprimido. As lembranças são falsificadas por que trazem em si algum material repulsivo ou desagradável que foi recalçado⁸⁵; essas impressões esquecidas da infância deixam marcas e têm influência sobre a vida posterior⁸⁶.

Destacamos que a lembrança encobridora, sendo uma formação de compromisso como, por exemplo, os sonhos, os atos falhos e os sintomas (especialmente os histéricos), que evitam a angústia, pode falhar em algum momento, como no caso de Nataniel. Já o estranhamento, apesar de disfarçar o retorno de um conteúdo recalçado, em momento algum cumpre o mesmo papel que as formações de compromisso, não conseguindo assim eliminar a angústia.

Voltando ao texto freudiano de 1919, vemos que a lembrança infantil no conto é construída a partir da angústia de castração. Há um desejo que mobiliza a ameaça de ser castrado, e esta ameaça “excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura”⁸⁷, que se refere ao “estranho efeito do Homem da Areia à angústia pertencente ao complexo de castração da infância”⁸⁸. Freud diz que a lembrança de Nataniel foi construída a partir de uma pergunta, não qualquer pergunta, sobre a morte do pai. Algo nesta lembrança é irreduzível⁸⁹ e mostra que há um fracasso na tarefa de encobrimento da mesma.

⁸⁴ Freud, S., Lembranças encobridoras, p. 353-354.

⁸⁵ Cf. Freud, S., Lembranças encobridoras.

⁸⁶ Freud, S., A psicopatologia da vida cotidiana, p. 69.

⁸⁷ Freud, S., O estranho, p. 289.

⁸⁸ Freud, S., O estranho, p. 291.

⁸⁹ O sujeito não tem acesso na consciência à impressão original; em outras palavras, Freud afirma que: “o material cru dos traços de memória, a partir do qual a lembrança foi forjada,

Ao descrever uma cena infantil lembrada por Nataniel, Freud observa que o autor do conto “nos deixa em dúvida se o que estamos testemunhando é o primeiro delírio do apavorado menino”⁹⁰, ou se são fatos que devam ser considerados reais. Apesar de ligada a lembranças infantis, a sensação de estranheza ocorre quando Nataniel “crê ter reconhecido esse fantasma de horror da sua infância num oculista itinerante”⁹¹. A sensação é descrita como algo tão atemorizante, que ele “sucumbe a um novo ataque de loucura”⁹². Algo do passado não aparece mais como lembrança, mas sim como algo real. A dúvida quanto a ter vivido ou não o que aparece como lembrança passa a ser uma certeza ante o real. Eis o estranho.

A lembrança infantil que cumprira sua função de encobrir o horror sentido por Nataniel falha em seu compromisso quando ele revê o oculista anos mais tarde. Novamente a angústia irrompe; ao associá-la ao estranhamento, podemos identificar, como foi descrito, uma falha no mecanismo de defesa que atuara até então: o recalçamento do desejo de Nataniel da morte do oculista, considerado por Freud como o duplo do pai do personagem (pai mau). A morte de seu pai (pai bom que não deixa que aquele jogue as brasas em seus olhos) foi vivida como a realização deste desejo, gerando culpa e mobilizando o retorno do

permanece desconhecido para nós em sua forma original”(Freud, S., Lembranças encobridoras, p. 353).

⁹⁰ Freud, S., O estranho, p. 286.

⁹¹ Freud, S., O estranho, p. 286.

⁹² Freud, S., O estranho, p. 287.

recalcado. O estranho é visto aqui como uma experiência que resulta também de um segundo momento de defesa – o primeiro foi o recalçamento do desejo de morte – quando o desejo retorna. Apesar de disfarçar o conteúdo, tal defesa não elimina a angústia vivida por Nataniel, tendo um efeito desorganizador para o sujeito que a experimenta. Por isso, não engana tão bem quanto as formações de compromisso.

É possível dizer que, em certa medida, o estranho garante precariamente “uma parte do compromisso” que diz respeito ao disfarce do desejo, mas falha em proteger o sujeito da angústia e do distúrbio psíquico. Portanto, o estranho tem valor de uma medida defensiva, pois está associado não só a fenômenos como a duplicação e a desrealização, como também à regressão a modos anteriores de funcionamento do eu a serviço da defesa. Defesa esta menos bem-sucedida do que outras – como vimos no exemplo das lembranças encobridoras – porque a angústia está sempre presente na experiência de estranheza.

Retomando a idéia inicial do capítulo, o “par” estranho-angústia que é sustentado por Freud na análise do conto, especialmente em relação à angústia de castração vinculada ao retorno de um desejo infantil, sugerimos ampliar o campo da angústia de castração, visto que, após o fim do complexo de Édipo, toda ela é ressignificada. A angústia funciona como um golpe narcísico a partir do qual o sujeito pode chegar a desistir parcialmente de sua onipotência; na

experiência de estranheza, a impotência do sujeito, sua paralisia, é extremada, revelando sua fragilidade.

Apesar de o estranho estar sempre vinculado à angústia, ele se manifesta com as características de um segundo momento de defesa, pois tenta disfarçar um conteúdo e vincula-se à regressão da forma de funcionamento psíquico.

A relevância dada por Freud à ligação do estranho com o retorno do recalcado⁹³ revela “a natureza secreta”⁹⁴ deste. Se o estranho tem parte com o retorno de um desejo próprio ao sujeito, então ele não é nada novo ou alheio. A significação antitética de *heim*, que porta o *unheim*, fica esclarecida. O estranho é algo que deveria ter permanecido secreto e oculto, porém apareceu. Por isso, o disfarce deste conteúdo é experimentado como estranho pelo sujeito, que não o reconhece. O estranho se liga à cena do inconsciente, ao aparecimento desarticulador que ela tem para o sujeito. O retorno de um desejo recalcado pode ter como conseqüência o surgimento ou a intensificação de sintomas neuróticos por meio de uma formação de compromisso mais eficaz em evitar a angústia do que o estranhamento.

A fim de avançarmos em nossa pesquisa sobre o tema, mais um elemento que compõe o arranjo para que a experiência de estranhamento ocorra

⁹³ “O *Unheimlich* estaria mais intrinsecamente vinculado ao recalque que a angústia”. (Vieira, M., *A inquietante estranheza*, p. 127. In: *Latusa 4/5*).

⁹⁴ Freud, S., *O estranho*, p. 301.

deve ser investigado: a compulsão à repetição, observada especialmente no fenômeno do duplo.

III - O ESTRANHO E O DUPLO

Qualquer um de nós pode ser o homem que encontra seu duplo⁹⁵.

A experiência do estranho que investigamos tem no fenômeno do duplo seu exemplo clássico, particularmente desenvolvido pela literatura romântica no século XIX, sobretudo na Alemanha, onde foi um de seus temas mais populares.⁹⁶ Para abordar o papel do duplo associado à vivência do estranhamento recorreremos a dois autores: Otto Rank, o primeiro psicanalista que empreendeu uma análise do tema através do ensaio O duplo⁹⁷, escrito em 1914; e Sigmund Freud, que retomou o tema do duplo em O estranho, escrito cinco anos depois. Iniciaremos este capítulo examinando a contribuição de Otto Rank e, posteriormente, passaremos às formulações freudianas para a investigação da experiência de estranhamento.

⁹⁵ Friedrich Dürrenmatt, *Der Doppelgänger*, Zurich, 1960, Verlags AG *Die Arche*, p. 26. In: Rank, O., *El doble*, p.29.

⁹⁶ Entre os exemplos literários que utilizou em O duplo, Rank considerava Ernst Theodor Hoffmann (1776-1822) como o “criador clássico” do tema. Entre outros autores, destacou Ewers por seu especial interesse nos “fenômenos estranhos e ocultos da vida interior” (Rank, O., *El doble*, p. 37).

⁹⁷ Este ensaio, originalmente publicado em 1914, não teve nenhuma alteração em sua segunda edição de 1919. Tendo sido revisado e ampliado em 1925, foi então publicado separadamente com o nome de O Duplo: um estudo psicanalítico. *Don Juan, une étude sur le double* é a tradução francesa deste artigo feita em 1932. A tradução francesa traz referências adicionais e algumas modificações, por exemplo, a transformação dos cinco capítulos em sete, um dos quais sobre os gêmeos, aspecto pouco mencionado em 1925. A edição utilizada nessa dissertação foi a tradução espanhola, feita a partir da publicação de 1925. Em alguns momentos, todavia, julgamos necessária a utilização da edição francesa, cujas indicações constam nas notas de pé de página. As traduções são de minha autoria.

Rank foi o precursor na delimitação do tema do duplo por meio do estudo das fontes não só literárias, como também míticas e etnológicas que utilizou para consolidação de suas pesquisas em 1914. Para ele, as primeiras manifestações do duplo remontavam quase sempre ao folclore, à superstição e ao nascimento das religiões.⁹⁸ Sua contribuição foi singularizar este fenômeno, enfatizando sua relação com um distúrbio narcísico vinculado à ameaça que a morte traz para o homem.

Tendo escrito o texto Sobre o narcisismo: uma introdução na mesma época em que Rank escreveu o artigo sobre o duplo, Freud não menciona a importância do duplo na formulação de sua teoria do narcisismo.⁹⁹ Em 1919, Freud enfatiza que quase todas as aparições do duplo para o sujeito são acompanhadas da sensação de estranheza. Ele então retoma grande parte das idéias apresentadas por Rank em seu artigo. Por sua vez, como veremos detalhadamente adiante, Rank baseara seu estudo na teoria psicanalítica freudiana desenvolvida até 1914.

Poderíamos dizer que Rank analisou de forma mais exaustiva o fenômeno do duplo detalhando suas características, mas o fato de através de sua

⁹⁸ Rank, O., Le double, p. 9.

⁹⁹ Lembramos que, posteriormente, Lacan retoma a importância do duplo para pensar a constituição do eu e o narcisismo no estágio do espelho, em que a rivalidade especular imaginária com o semelhante é acentuada e pode ser reatualizada em diversos momentos da vida. A paranóia mencionada por Rank na relação com o duplo é destacada por Lacan como perseguição pelo duplo em uma estrutura em que a rivalidade com o outro é tão exacerbada, que só há uma opção: ou eu ou ele, alguém tem que desaparecer. A esse respeito, ver Lacan, J., O estágio do espelho como formador da função do eu (1936), p. 96-103.

análise poderemos perceber o caminho posteriormente percorrido por Freud em O estranho é que torna sua pesquisa relevante, ampliando o escopo de nossa discussão sobre o tema.

Nos últimos anos de sua vida, Otto Rank decidiu que seu estudo sobre o duplo deveria receber mais atenção. Em 1941, publica The Double as Immortal Self, em que retoma o tema em sua ligação com outras obras que escrevera anteriormente.¹⁰⁰ Apesar de o texto de 1941 conter avanços e ser a última versão do pensamento de Rank sobre o tema do duplo, a edição revisada e ampliada de O duplo publicada em 1925 deve ser pensada como o alicerce sobre o qual ele construiu esses progressos. A principal diferença entre estes textos não está nas modificações sustentadas por Rank em relação às formulações psicanalíticas ortodoxas posteriores a 1924¹⁰¹, mas sim na aplicação de seus estudos anteriores a um exame renovado do tema.

O resultado desta proposta psicanalítica demonstra que a importância do tema do duplo deriva de um sentimento profundamente arraigado na alma

¹⁰⁰ Nesta ocasião, ele postulou que a necessidade de autoperpetuação do homem, a necessidade de imortalizar-se, conduz ao desenvolvimento da civilização e de seus valores espirituais. No homem moderno, o conceito primitivo de alma como uma dualidade aparece através do tema do duplo, que, por um lado, assegura-lhe a imortalidade e, por outro, anuncia ameaçadoramente sua morte. Nesta edição, verifica-se ainda a ênfase dada aos gêmeos como primeira manifestação da “alma dupla”, ao herói como encarnação do eu mortal e imortal, e ao artista como o “duplo espiritual” do herói, duplo com o qual a imortalidade é assegurada em sua arte. Em suas palavras, o duplo indica “o eterno conflito do homem consigo e com os demais, a luta entre a sua necessidade de semelhança e seu desejo de diferença”.

¹⁰¹ A respeito da aproximação pessoal, das divergências teóricas e do rompimento entre Freud e Rank, ver Roudinesco, E. & Plon, M. Dicionário de psicanálise, p. 641-644. e Roazen, P. Freud e seus discípulos, p. 436-454.

humana, a saber: as relações do indivíduo com seu próprio eu e a ameaça de destruição completa deste pela morte.¹⁰²

Segundo Erich Stern¹⁰³, contemporâneo de Rank, a aparição do duplo em níveis de cultura mais primitivos e a significação destas aparições para tais culturas foi assinalada por Rank em seus trabalhos psicanalíticos. O duplo aparece, então, como uma emanção de vínculos narcisistas e de auto-enamoramento, que assumem, tal como observado na criança e nos indivíduos neuróticos, um papel de grande importância. A consciência de sua culpa obriga os heróis da literatura a transferirem a responsabilidade de certos fatos, o medo da morte por exemplo, de si mesmo para o duplo, que é seu próprio eu. A fim de livrar-se do temor à morte, o indivíduo pode recorrer ao suicídio executado sobre seu duplo, porque ama e estima em demasia seu eu. Estes pontos serão detalhados adiante em nossa análise do texto O duplo.

III.1 - O duplo, de Otto Rank.

Após esta introdução, examinaremos agora os passos dados por Otto Rank em seu texto, destacando as principais características levantadas por ele para explicar sua recorrência. A princípio, ele recolhe exemplos do duplo na literatura, a fim de propor pontos fundamentais da articulação com a teoria freudiana. Entre estes pontos, é possível destacar que a divisão e a duplicação do

¹⁰² Rank, O., Le double, p.5.

eu, o não reconhecimento de si no duplo, as dificuldades amorosas, o aspecto perseguidor do duplo, a tendência à despersonalização, a revelação do trágico do inconsciente e o temor de envelhecer estão todos relacionados a uma perturbação do eu causada por uma ameaça ao narcisismo. Estes pontos, entretanto, muitas vezes não aparecem isoladamente, sendo possível reconhecer diferentes combinações entre eles em um único personagem. A morte é o maior expoente desta ameaça e tem grande destaque na análise de Rank.

Ao estudar o significado dos problemas fundamentais ligados ao duplo em conexão com os modelos e paralelos literários e as tradições populares, etnográficas e míticas, Rank afirma que a origem do duplo está nos conceitos vigentes entre os homens primitivos.

Rank enfatiza que o fenômeno do duplo reflete uma perturbação do eu e problemas humanos que dizem respeito à relação do homem consigo mesmo, como uma “fatídica perturbação dessa relação”¹⁰⁴. Assim, é possível dizer que esta perturbação está referida à imagem unitária de que o eu depende e tenta manter. Dito de outro modo, sendo a unidade imaginária totalizante uma característica essencialmente humana, o distúrbio do eu que causa a duplicação revela a sua divisão.

Ainda que o duplo não seja senão a própria pessoa, ele é percebido como exterior e o sujeito não se reconhece nele. Estranha divisão do eu, da

¹⁰³ Cf., *El doble*, Introdução.

imagem, que não pode ser percebida como tal pelo sujeito. Diante do duplo, descrito como fantasmagórico, por não se reconhecer, o sujeito perde o domínio de si.

Na análise do filme O estudante de Praga, que serviu como ponto de partida para a investigação de Rank, destacamos uma cena que retrata com clareza o que descrevemos acima. Um dos encontros do personagem principal com o duplo é descrito por Rank: “uma vez mais aparece seu duplo, sorridente, ante ele. Carente de todo o domínio de seus sentidos, Balduino se apodera da arma e dispara contra o fantasma, que desaparece no ato”¹⁰⁵, ri com alívio até sentir uma dor aguda no lado esquerdo do peito, vê o sangue encharcar sua camisa e percebe que fôra o alvo do disparo. Cai morto.

O duplo como perseguidor é outro aspecto encontrado por Rank na ficção. Ao se converter em uma entidade independente, o duplo transforma-se em obstáculo para o eu. Ele o persegue e o intimida, inibindo as possibilidades de o personagem viver sua própria vida. Essa característica também o dota de um aspecto misterioso pois, ao aparecer de forma visível e independente do eu, provoca perplexidade no personagem.

Na novela Os irmãos Karamazov, de Dostoiévski, há uma boa ilustração da divisão do eu que assombra o sujeito, e também de que a presença

¹⁰⁴ Rank, O., *El doble*, p. 35.

¹⁰⁵ Rank, O., *El doble*, p. 34.

do duplo é a do próprio sujeito. Antes de entrar no processo de loucura, Iván Karamazov reconhece como seu duplo o demônio que aparece diante dele e diz:

nem por um minuto te aceitarei como uma verdade real. És uma enfermidade, uma mentira, um fantasma. Só não sei por que meios posso te destruir. És minha alucinação. És a encarnação de mim, mas, ainda assim, somente um aspecto meu (...) de meus pensamentos e sentimentos, mas só dos mais repugnantes e estúpidos (...). Tu és eu mesmo, mas somente em uma feia caricatura; não dizes nada além do que penso¹⁰⁶.

O aspecto perseguidor e a tendência à despersonalização – tratada como uma perda de si mesmo, quando o personagem, ao renunciar a seu próprio eu, não tem outra escolha a não ser matar-se – são características encontradas no tema do duplo por Rank. Do mesmo modo, o aspecto “trágico do inconsciente” está ligado ao impulso que acomete o personagem de livrar-se violentamente do estranho oponente. No filme O Estudante de Praga, o personagem diz: “Os dois temos uma vida somente. Se o mato, matarei a mim mesmo”¹⁰⁷.

Somado aos aspectos da perseguição, da tendência à despersonalização e do trágico do inconsciente, o temor de envelhecer é mais um aspecto que revela os laços estreitos do duplo com a morte e com o medo que ela incita.

¹⁰⁶ Rank, O., *El doble*, p. 43. Segundo o autor, o texto é de Dostoievski, porém ele não indica a referência bibliográfica.

¹⁰⁷ Rank, O., *El doble*, p. 47.

A morte é descrita como o desconhecido “que segue o personagem da mesma maneira, incessante e invisivelmente”¹⁰⁸. Em muitos casos tal situação se une à ilusão encontrada na paranóia persecutória. Apesar de irreal, esse ser que persegue, apavora, está presente e é uma **presença**¹⁰⁹ sentida permanentemente pelo personagem e caracterizada por uma estreita relação com o próprio eu transformado em uma duplicação.

Rank chama nossa atenção para a proximidade entre as muitas figuras do duplo, apesar de seus tipos distintos, ressaltando que o eu é formado a partir da imagem e que o duplo é o retorno, o reflexo de algo desta imagem que se apresenta de forma desconhecida pelo sujeito, levando-o ao estranhamento diante dela. Então, o estranhamento tem relação com a percepção de uma imagem que, apesar de sua, o eu não a reconhece. Sempre há uma semelhança entre a figura assumida pelo duplo e o personagem principal, ainda que apenas em alguns detalhes. Pode ser o nome, a voz ou a roupa que encarna essa

¹⁰⁸ Rank, O., *El doble*, p. 53.

¹⁰⁹ Segundo Rabinovich, Lacan diz que o duplo do sujeito pode ser uma forma particular da aparição do objeto *a* na cena fantasmática. Esse momento da aparição do objeto *a*, que é remetido ao *unheimlich*, é justamente aquele em que o fantasma não tem mais a dimensão de jogo lúdico, que é a possibilidade do sujeito continuar na cena (*heim*). “O problema surge quando a encenação começa a funcionar sozinha, funcionamento que seria já um modo de definir, de modo bastante exato, o estranho, o inquietante”. O objeto *a* como real é uma presença invisível que organiza o mundo invisível. O familiar, na neurose, é a demanda do Outro que se instala no lugar onde deveria aparecer o objeto do desejo (*a*). Quando no lugar da demanda do Outro surge o desejo do Outro, o *unheimlich* aparece, ou seja, essa **presença** invisível passa a ter a forma de uma presença, o duplo. Quando a imagem especular aparece na forma de um duplo o próprio corpo passa a ser o objeto *a*, “mas é uma imagem que já não é imagem, não é nenhum agregado de presença. O sujeito não experimenta nenhuma troca, se experimenta algo é o desamparo” (Rabinovich, D., *La angustia y el deseo del Otro*, p. 101). Meu grifo. Tradução de minha autoria.

“semelhança que, como ‘roubada do espelho’¹¹⁰ (Hoffmann), no primeiro momento se apresenta diante do personagem principal como um reflexo”¹¹¹.

Estes vários aspectos encontrados na literatura sobre o tema do duplo não são excludentes, mas sim bastante solidários. Otto Rank aproxima a vida pessoal dos autores e o que revelam em suas obras. Em outras palavras, para Rank, cada um deles, à sua maneira, tentou compreender o problema do eu a partir de sua experiência pessoal. Esse mapeamento de traços típicos “chama a atenção para a estrutura psíquica idêntica desses autores”¹¹², revelando que, apesar de a literatura ser uma excelente fonte ilustrativa sobre o tema do duplo, há uma contrapartida que pode ser observada na vida psíquica humana. Apesar de ser mais claramente evidenciado nos textos, o duplo pode ser experimentado também na vida real.

A temática do duplo, tão presente no romantismo, não pode ser dissociada de suas características históricas. A forma pela qual Rank defende que a subjetividade dos autores transparece em seus escritos liga-se do mesmo modo ao romantismo. Através de duas citações, a primeira de Oscar Wilde e a segunda de Thomas Mann, Rank demonstra que a vida dos autores pode ser vista através de seus escritos:

¹¹⁰ A metáfora especular lacaniana, desenvolvida em O estádio do espelho como formador da função do eu (1936) também se apóia nas questões levantadas por Otto Rank no artigo sobre o duplo. Por exemplo, foram destacados por Rank a importância da imagem na formação do eu, a rivalidade implicada no momento em que o sujeito se fixa nela e os laços com a paranóia.

¹¹¹ Rank, O., El doble, p. 66.

“O amor por si mesmo é o começo de um romance por toda vida”.

“O amor por si mesmo é o começo de uma vida romanceada... pois somente quando o próprio eu se transforma em algo que deve ser enfrentado, existe algum sentido em escrever.”

Nessa aproximação, destaca-se a “natureza similar” entre a literatura que aborda o duplo e o psiquismo de seus autores. Esses escritores são descritos por Rank como

personalidades decididamente patológicas, que em mais de um sentido ultrapassavam inclusive o limite da conduta neurótica em outros aspectos permitidos ao artista. Sofriam – e de forma evidente – de perturbações psíquicas ou de doenças neurológicas e mentais, e durante suas vidas demonstraram uma notável excentricidade de conduta, seja pelo uso do álcool, de narcóticos, ou nas relações sexuais, com ênfase especial, neste último caso, na anormalidade¹¹³.

Através da investigação mais detalhada da vida de Hoffmann, Paul, Poe, Maupassant, Chamisso, Musset e Dostoievski, entre outros, Rank enfatiza alguns conflitos psicológicos que eles teriam tido, assim como os descreveram em seus livros. Rank destaca como ponto central do conflito “a potente percepção de seu próprio eu, imposto a si como um aspecto aterrador”¹¹⁴.

Essa experiência aguda e incomum da percepção do próprio eu desnuda sua divisão, fato demonstrado pelos relatos desses escritores sobre a

¹¹² Rank, O., *El doble*, p. 67.

¹¹³ Rank, O., *El doble*, p. 69.

¹¹⁴ Rank, O., *El doble*, p. 71.

presença destes sentimentos e sintomas em si mesmos e em suas vidas. Em uma das anotações pessoais de Maupassant, encontra-se a descrição da divisão de sua própria personalidade, o que também aparece em Horla, romance no qual o personagem luta contra seu 'inimigo interior'. Assim, ele diz sobre si mesmo:

levo dentro de mim essa vida dupla que é a força e ao mesmo tempo a desgraça do escritor. Escrevo porque sinto; e sofro com tudo o que existe porque o conheço demasiadamente bem; e sobretudo, porque o vejo em mim, no espelho dos meus pensamentos, sem poder experimentá-lo' (Maupassant, anotação de 10 de abril *apud* Rank)¹¹⁵.

Estreitando os laços entre os escritos e certos traços patológicos que os autores apresentariam, Rank supõe uma estrutura fundamental relacionada ao eu, que causa um interesse anormal extremamente forte pela própria personalidade e seus estados psíquicos. Esse tipo de estrutura, exagerada na atitude frente ao próprio eu, acarreta um modo particular de se relacionar com o mundo, com a vida, e com o objeto amoroso com o qual dificilmente se harmoniza. Quanto a alguns escritores, Rank propõe que "a predileção por este tema – para além de toda influência ou fonte literária – torna-se compreensível no plano psicológico"¹¹⁶, referindo-se às coincidências notáveis entre a obra e os traços individuais do autor.

Estes traços particulares, entretanto, podem ser sentidos tanto no psiquismo de seus escritores em relação às estranhas representações do duplo,

quanto observados pelo leitor. “No escritor, assim como em seu leitor, parece vibrar de forma inconsciente um fator sobreindividual, que outorga a estes temas uma misteriosa ressonância psíquica”¹¹⁷. Essa misteriosa ressonância psíquica revela algo presente em todos os homens, pois em todos habita o estranho que, a qualquer momento, pode vir à tona.

Apesar de nos parecer exagerada a ênfase de Rank no aspecto patológico do fenômeno do duplo, observamos em seu texto um outro caminho possível que gostaríamos de ressaltar: a aproximação com a normalidade. Nosso interesse aqui não é julgar a teoria proposta por Rank sobre a patologia dos autores passível de ser observada em suas obras, mas sim, por meio da detalhada análise do duplo apresentada por ele, aproximarmo-nos das sutilezas do estranhamento que o relacionam à estrutura do eu.

O distúrbio do eu que se verifica no duplo pode ser destacado em seu caráter patológico ou considerado como uma experiência momentânea à qual todos estão sujeitos. Como em Freud¹¹⁸, a patologia é uma acentuação de dinamismos que fazem parte do psiquismo normal, assim como a existência de uma das possibilidades não invalida a outra. Extraímos dois exemplos para explicitar essas vertentes.

¹¹⁵ Rank, O., *El doble*, p. 74.

¹¹⁶ Rank, O., *El doble*, p. 85.

¹¹⁷ Rank, O., *El doble*, p. 86.

¹¹⁸ Em inúmeros textos freudianos, encontramos uma análise da patologia visando a compreensão do funcionamento psíquico em geral. Por exemplo, na Conferência XXXIII:

O primeiro enfatiza o caráter não patológico do fenômeno do duplo, já que todos nós podemos, em maior ou menor grau, experimentar a divisão estrutural do eu ou sofrer a influência do “fator sobreindividual”.

Conheço muito bem a divisão de nossa consciência. Todos a terão sentido com mais ou menos intensidade – essa divisão em que um vê a sua própria pessoa que passa ao largo, como uma sombra, de todas as formas em que existiu uma vez... Mas também é possível que de vez em quando vejamos nossos futuros modos de existência... Esta visão de nosso eu futuro é às vezes tão vívida, que pensamos que vemos pessoas estranhas como entidades independentes que se separam fisicamente de nós, como um bebê ao nascer (...) Essa é minha descoberta secreta. Estamos em dívida com o psicólogo francês Ribot por alguns exemplos muito estranhos de divisão psíquica que não podem explicar-se somente como alucinações¹¹⁹.

O segundo exemplo, encontrado no romance de Dostoievski O Duplo (1846), revela a proximidade deste tema com a doença mental, a paranóia, descrevendo o início da enfermidade de um personagem que não está cômico do adoecimento e portanto não é capaz de reconhecer seus sintomas. O personagem supõe “em todas as suas experiências as perseguições de seus inimigos”¹²⁰, e passa pela “gradual transição a um estado de ilusão e de confusão com a realidade”¹²¹.

feminilidade na qual afirma: “A patologia sempre nos serviu para tornar perceptíveis, ao isolar e exagerar, aquelas situações que pareceriam ocultas em estado normal”, p. 150.

¹¹⁹ Rank, O., *El doble*, p. 56.

¹²⁰ Rank, O., *El doble*, p. 59.

¹²¹ Rank, O., *El doble*, p. 59.

A fim de verificar “a base psicológica comum às representações supersticiosas”¹²², Rank utiliza referências antropológicas¹²³ em sua análise de tradições etnográficas, populares e mitológicas. Deste modo, descreve os vários caminhos pelos quais o duplo se vincula à morte. A antropologia serve a Rank para demonstrar o caráter enfatizado por Freud em 1919: o duplo, que surge inicialmente como um protetor contra a morte, torna-se, em um segundo momento, seu anunciador, e por isso é tão apavorante para o sujeito que o experimenta.

A superstição acerca do aspecto duplo da sombra pode ser explicada a partir da crença em um espírito guardião que acompanha uma pessoa durante sua vida, mas aparece para ela na hora de sua morte, associando-se deste modo a um aspecto maligno. Segundo Rochholz, a significação desses espíritos era benéfica, porém, lentamente, desenvolveu-se uma significação nociva de morte. Da mesma forma, a sombra de um indivíduo, que foi um útil espírito companheiro no decorrer da vida, transforma-se em um perseguidor que aterroriza e atormenta aquele a quem protegia, perseguindo-o até a morte. A tão difundida expressão “temer a própria sombra” confirma essa significação primitiva. Rank reafirma essa posição, baseando-se nas tradições populares que

¹²² Rank, O., *El doble*, p. 86.

¹²³ As concepções antropológicas de autores como Frazer, Tylor, Bastian e outros, utilizadas por Rank, hoje em dia não se sustentam mais na antropologia moderna, por se caracterizarem como uma leitura chamada de “antropologia evolucionista do velho mundo” (*El doble*, Introdução).

dizem que o espírito guardião se converte em uma consciência perseguidora e torturante.

Por sua vez, Fritz W. Pradel afirma que, conforme Freud, todos os objetos tabus têm um caráter ambivalente, e às concepções sobre a sombra não faltam sinais que o indiquem. A sombra acentua o caráter ambivalente do duplo que ao mesmo tempo protege e persegue.

Portanto, para a análise da sombra e do reflexo no espelho, Rank encontra exemplos tanto na literatura quanto na antropologia, que possibilitam relacionar estas versões do duplo com a morte e, em sua leitura psicanalítica, com a ameaça ao narcisismo. Na literatura, a sombra e o reflexo no espelho ilustram a divisão do eu que se torna visível como uma imagem para o sujeito, não necessariamente sob a forma de um duplo “real como uma pessoa”, mas ainda assim com as mesmas conseqüências para o personagem. Já a partir da análise antropológica, Rank diz que sonhar com pessoas mortas pode reforçar a crença do homem na continuidade da existência de seu eu após a morte, pois o reflexo e a sombra lhe ensinam que, durante a vida, ele possui um duplo misterioso. Dito de outro modo, através do desdobramento do eu sob a forma de sombra ou reflexo, criou-se um duplo, que é a imagem mais exata possível do eu corporal, para desmentir a morte. A criação desta crença decorre da ameaça de destruição sentida pelo narcisismo primitivo. Para os povos primitivos existia uma equivalência entre a alma, a sombra e o reflexo.

Neste sentido, a causa da estranheza pode ser justamente a possibilidade de a imagem revelar algum ponto do “parentesco” com o sujeito que não a reconhece, ainda que sob a forma de uma sensação que pode ser de angústia, de horror. Não é qualquer imagem que causa estranheza, mas aquela que revela a intimidade consigo mesmo sob a forma do duplo. Portanto, a sombra e o reflexo do espelho são como imagens de si percebidas como semelhantes pelo eu, que tornam-se estranhas quando assumem a forma de um duplo.

Na literatura, Rank encontra vários personagens cujo desenvolvimento é centrado na perda de seu reflexo no espelho ou de sua sombra, ou ainda no fato de que a sombra e o reflexo adquirem independência do personagem, o que é acompanhado de estranhamento, horror, angústia e desconforto. Todos esses exemplos servem para marcar que o duplo misterioso “é uma divisão independente e visível do eu (sombra e reflexo)”¹²⁴. Em determinado momento, a imagem que constitui o eu retorna estranha para o sujeito, externa. No momento privilegiado da aparição do estranhamento, mesmo sendo este uma defesa que disfarça o “parentesco” entre a imagem e o eu, evidencia-se a divisão constituinte do eu.

Ao iniciar o desenvolvimento do tema do narcisismo em O duplo, Rank cita uma frase de Hoffmann que, de início, demonstra a ambivalência

¹²⁴ Rank, O., *El doble*, p.42.

característica do narcisismo: “É o fantasma de nosso próprio *eu* que, através de seu íntimo relacionamento conosco e de sua profunda influência sobre nossa alma, nos precipita no Inferno ou nos transporta aos céus”¹²⁵.

Após desenvolver as vinculações do duplo com o eu em vários exemplos literários, Rank nos diz que a estreita aproximação da morte com o duplo e seu significado narcisista não pode ser considerada pela psicanálise como “um simples acidente”. O fato de que a idéia da morte é insuportável para o eu gera uma tendência a sobrepor a ela outras idéias que venham encobrir seu significado primitivo. Rank evoca o texto O tema dos três escrínios (1913), no qual Freud fala sobre o desejo de compensação do homem que substitui a morte por um equivalente mais agradável e tão distante quanto possível. A fim de exemplificar essa forma de equivalência Freud utiliza o mito das Parcas, no qual a deusa do amor ocupa o lugar da deusa da morte. Rank assinala, porém, que esse desenvolvimento do tema não é um capricho. Ele se refere a uma “antiga identidade primitiva das duas figuras”¹²⁶, que se baseia na noção de que a morte é vencida através de uma nova criação, e encontra seu mais profundo alicerce na imagem ideal da mãe.¹²⁷

A idéia de uma identidade primitiva de duas figuras opostas que se separam posteriormente, também presente no duplo, é curiosamente o cerne do

¹²⁵ Rank, O., *El doble*, p. 42.

¹²⁶ Rank, O., *El doble*, p.114.

¹²⁷ Rank, O., *Le double*, p. 83.

estranho-familiar, indicada em seu próprio nome composto que revela a ambivalência presente na experiência.

O significado da lenda de Narciso apresenta laços com o duplo, nos diz Rank, pois os dois remetem ao significado da morte contido no folclore, nas lendas e nos mitos, diretamente ou como uma deformação patológica. Em comparação a Narciso, que amava sua própria imagem, a novela O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, é citada como exemplo do temor e ódio pelo duplo em contraposição ao enamoramento narcisista pela própria imagem. Dorian teme envelhecer e perder sua bela imagem, medo intimamente vinculado à idéia de morte.

As relações amorosas dos personagens, quando evidenciadas nos textos, são sempre catastróficas ou impedidas, revelando uma estreita articulação com a perturbação do funcionamento psíquico do eu, o que é bastante compreensível se pensarmos que o estranho aponta para um distúrbio narcísico. A impossibilidade de amar é uma consequência do investimento excessivo de libido no próprio eu que caracteriza esses tipos de distúrbios. Quando o eu está superinvestido narcisicamente, o sujeito não é capaz de amar, pois não pode dispor de sua energia psíquica – a libido – para investir um objeto externo. “Esta deficiência surge de sua fixação narcisista em seu próprio eu”.¹²⁸ Isto fica evidente em quase todos os “heróis-duplos” e em Dorian Gray, que

¹²⁸ Rank, O., El doble, p. 117.

exibe ao mesmo tempo uma atitude narcisista, seu grande egoísmo, sua impossibilidade de amar e sua “vida sexual anormal”. Rank ilustra esses aspectos citando Wilde:

‘Oxalá pudera amar – exclamou Dorian Gray, com uma profunda nota patética em sua voz. Mais parece que tenha perdido a paixão, e esquecido o desejo. *Encontro-me muito concentrado em mim mesmo.* Minha própria personalidade se converteu em uma carga. Quero escapar, me ir, soltar’¹²⁹.

Ainda sobre o amor, Turgueniev escreveu a um amigo dizendo que “o amor é uma das paixões que destróem o nosso eu.” Essa idéia é reforçada por ele com uma citação de Strindberg sobre a mulher:

Começamos a amar uma mulher quando depositamos nela nossa alma, pouco a pouco. Duplicamos nossa personalidade; e a mulher amada, que antes era indiferente e neutra, começa a adotar o aspecto de nosso outro eu, a converter-se em nosso duplo¹³⁰.

Assim como ressalta a ambivalência da sombra como um aspecto do duplo, Rank indica que também a atitude com relação ao próprio eu é ambivalente, pois, de um lado, é erótica (investimento narcísico) e, de outro, comporta uma descarga dos sentimentos defensivos através do ódio e do temor ao duplo, que, como já vimos, é uma parte do próprio eu. Portanto, essa

¹²⁹ Rank, O., *El doble*, p.116-117.

¹³⁰ Rank, O., *El doble*, p. 132.

disposição amorosa¹³¹ com relação ao eu não é possível sem a existência de um conflito, uma contradição. Por um lado o narcisista se ama, mas por outro se revolta contra esse amor exclusivo que o torna incapaz de ter outros amores. Essa revolta acontece de duas maneiras: inicialmente, “pelo temor e pelo desgosto do próprio reflexo”¹³², como podemos observar em *Dorian Gray* e em quase todos os personagens de Jean Paul, em seguida, “pela perda da sombra ou da imagem”¹³³, o que ocorre com a maior parte dos personagens da literatura analisada.

Como vemos em vários relatos de perseguições, a perda da imagem não se dá realmente. A imagem e a sombra não se perdem absolutamente, mas “ao contrário elas se tornam mais fortes, mais pessoais, mais poderosas”¹³⁴, revelando o interesse exacerbado pelo próprio eu. “A perda da sombra ou da imagem pode ser representada como uma perseguição, uma luta com esta sombra ou esta imagem”¹³⁵.

É preciso haver uma compreensão da situação e da atitude psicológicas que, juntas, criam a divisão e projeção constitutivas do duplo. Entre as razões para o surgimento do duplo, encontramos a não responsabilização do sujeito por certas ações de seu eu, o que o leva a despejá-las sobre um outro eu

¹³¹ Rank, O., *Le double*.

¹³² Rank, O., *Le double*, p.85-86.

¹³³ Rank, O., *Le double*, p.86.

¹³⁴ Rank, O., *Le double*, p.86.

¹³⁵ Rank, O., *Le double*, p.86.

sob a forma de um duplo. Rank relaciona esse sintoma a uma poderosa consciência de culpa¹³⁶ que impele o protagonista nessa direção. Esta é a forma possível de satisfação encontrada para as pulsões e desejos sentidos como inaceitáveis, pois eles se satisfazem de forma indireta. Esses casos aparecem na literatura, por exemplo, no conto Willian Wilson, de Edgar Alan Poe – neste, o duplo se destaca como um monitor benéfico sempre presente nos momentos cruciais da vida do personagem – e em o Retrato de Dorian Gray, sob a forma da sua consciência moral.

Como demonstrou Freud [em Introdução ao narcisismo, 1914], esta consciência de culpa, que tem várias fontes, mede por um lado a distância entre o ideal do eu e a realidade lograda; por outro, é alimentado por um poderoso temor à morte e cria fortes tendências à autopunição, que também implicam no suicídio¹³⁷.

Como foi ressaltado, o duplo apresenta uma ligação privilegiada com o tema da morte. Para Rank, o folclore e a literatura revelam uma tanatofobia já que neles o temor seja da imagem, seja de sua perda ou da perseguição constitui uma característica importante. Na constituição narcísica do eu, como vimos, a imagem é fundamental para a constituição tanto do duplo quanto do eu, e pode surgir tanto no sonho quanto na fantasia, em que o sujeito se vê como um personagem entre outros. Assim, o homem extrai do sonho provas para construir

¹³⁶ Em 1914 ainda não havia na psicanálise a formalização do supereu para se pensar essa poderosa consciência de culpa.

¹³⁷ Rank, O., El doble, p. 122.

a crença na perpetuação e existência do eu após a morte. Para Rank, a sombra e a imagem própria refletida significam que o homem tem um duplo misterioso, inclusive na vida.

O desejo de ser jovem para sempre, imortal, revela a ligação do temor da morte com a atitude narcisista, pois se este desejo representa uma fixação libidinal em uma determinada etapa do desenvolvimento do eu, em seu reverso exprime o medo do envelhecimento, que está associado ao temor à morte. No caso do suicídio, não se teme a morte, mas sim a expectativa de um destino inevitável a ser vivido passivamente. A idéia inconsciente da destruição do eu que atormenta o suicida surge no lugar de sua incapacidade de libertar-se de um destino inevitável que é a morte, sendo o suicídio a única maneira de poder livrar-se deste destino.

Para Rank, a morte é um dos males da humanidade, portanto temê-la é bastante justificado. Invocar a pulsão de autoconservação, que insiste em ser satisfeita e que tem na morte sua maior ameaça, ainda assim não é uma explicação suficientemente satisfatória para a “tanatofobia patológica” que geralmente leva ao suicídio. A idéia da morte é tão ameaçadora que o temor patológico se deve ao narcisismo e não à simples eficácia da pulsão de autoconservação, que, aliás, seria abandonada pela metapsicologia freudiana a partir de Sobre o narcisismo: uma introdução. Assim, o principal ponto levantado por Rank para explicar a tanatofobia patológica que leva ao suicídio é

a ameaça ao narcisismo. Em outras palavras, podemos dizer que o medo da morte não é justificado só pela exigência das pulsões de autoconservação, mas também pelo dano, pela ferida narcísica que o destino mortal representa para o homem. De outro modo ainda, a ameaça ao narcisismo explica, em grande parte, por que alguém que tem medo da morte se mata pelo medo de ser apanhado passivamente por ela. Assim, paradoxalmente, o suicídio pode ser pensado como uma saída diante da morte, como destino inevitável, uma vez que ele representa uma passagem da passividade para a atividade. O sujeito o escolhe por crer que assim pode deixar de ser joguete do destino.

Ainda com a finalidade de sustentar sua posição de que os interesses da pulsão de autoconservação do eu não são satisfatórios para a explicação do temor patológico da morte, Rank cita Spiess: “o horror do homem à morte não é o simples resultado do amor natural à vida”¹³⁸, acrescentando que ele é fruto do apego libidinal à própria imagem e da ameaça a sua integridade representada pela morte.

Para Rank, o assassinato do duplo e o ato suicida são equivalentes, pois, nos textos, a eliminação do duplo surge como uma forma comum de o protagonista tentar se proteger da perseguição, o que acarretará a própria morte.

É por certo uma forma indolor de matar um eu distinto: uma ilusão inconsciente da divisão do eu mau, culpável, separação que, ademais,

¹³⁸ Rank, O., *El doble*, p. 124.

parece ser a condição prévia de cada suicídio. A pessoa suicida é incapaz de eliminar, por autodestruição direta, o temor da morte que nasce da ameaça a seu narcisismo¹³⁹.

Como já dissemos, nesse caso o significado do duplo decorre de uma regressão à fase do desenvolvimento em que o eu é amado narcisicamente. A criança e o homem primitivo são extremamente narcisistas, o que se expressa na concepção animista do mundo que compartilham.¹⁴⁰

O homem é capaz de perceber a realidade que o rodeia, principalmente como um reflexo, ou como uma parte de seu eu. Da mesma forma, Freud assinalou (Animismo, magia e a onipotência dos pensamentos) que a morte, *ananké*, o implacável, se opõe ao narcisismo primitivo do homem e o obriga a entregar aos espíritos uma parte de sua onipotência. Mas, a este fato da morte, que se impõe ao homem e que ele constantemente trata de negar, estão unidos os primeiros conceitos da alma, que podem ser encontrados tanto nos povos primitivos, como nas culturas avançadas¹⁴¹.

Por meio da observação antropológica do significado e da relação do homem primitivo com sua sombra, relatada nos diferentes tabus e precauções, Rank mostra a estima narcisista que o indivíduo nutre por seu eu e o receio de que este seja ameaçado. “O narcisismo primitivo sente-se ameaçado diante de tudo pela inelutável destruição do eu. (...) Em consequência, a idéia de morte se nega por uma duplicação do eu incorporado à sombra ou à imagem refletida”¹⁴².

¹³⁹ Rank, O., *El doble*, p. 125-126.

¹⁴⁰ Idéia já expressa no texto freudiano Totem e tabu (1913), em seu terceiro capítulo sobre animismo, magia e a onipotência dos pensamentos.

¹⁴¹ Rank, O., *El doble*, p. 127-128-129.

¹⁴² Rank, O., *El doble*, p. 130.

Rank lembra que Negelein considerara que a idéia de alma evoluiu da seguinte forma: inicialmente, havia a equiparação entre corpo e alma, ou seja, a princípio a alma era como um segundo corpo. Posteriormente, ela se transformou em um “conceito imaterial”, que se manteve devido à não aceitação da morte como uma aniquilação eterna. Tanto para a criança quanto para o homem primitivo há um “total desconhecimento da morte”. Para eles, a morte é artificial e acontece de forma mágica, pois acreditam que continuarão vivendo. O desejo de imortalidade não existe então, pois é consequência da ameaça ao narcisismo. Só a partir dessa ameaça o reconhecimento da idéia da morte acontece, entretanto, diante da morte e do desejo de imortalidade, há uma adaptação parcial a esta experiência sob a forma da “crença ingênua em uma existência contínua e eterna”¹⁴³. Portanto, a origem da crença primitiva nas almas é uma negação enérgica contra o poder da morte por meio da idéia da imortalidade.

“O pensamento da morte fica suportável quando a alguém é assegurada uma segunda vida depois desta, como duplo”¹⁴⁴. Apesar de, inicialmente, o expediente do duplo evitar a idéia da morte, o próprio duplo repete a ameaça desta, pois a idéia da morte se anuncia no duplo e é tão terrível quanto o amor sexual, que se impõe como ameaça ao narcisismo.

¹⁴³ Rank, O., *El doble*, p. 131.

¹⁴⁴ Rank, O., *El doble*, p. 132.

Como podemos observar, as conclusões de Rank sobre o tema do duplo têm seu suporte principal no narcisismo. A respeito do duplo, ele ainda diz que ou ele se torna um “rival inequívoco no amor sexual”, pois encarna o amor narcísico por si mesmo; ou reaparece como o mensageiro da morte, pois foi originalmente criado como um desejo de defesa contra a “temível destruição eterna”. Desse modo, Rank nos mostra que ocorre um “fenômeno de defesa” contra a ameaça da qual o indivíduo quer se proteger. Assim,

o narcisismo primitivo é o que em verdade resiste à ameaça (...) seja na forma do auto-enamoramento patológico, (...) seja na forma defensiva do medo patológico ao próprio eu, que às vezes conduz à insanidade paranóica e aparece personificado na sombra perseguidora, na imagem do espelho ou no duplo¹⁴⁵.

III.2 - O duplo em O estranho, de Freud

Freud destaca o tema do duplo e sua estreita vinculação com o estranhamento que o acompanha ao incluí-lo como um ponto importante em O estranho.

Embora Freud tenha utilizado boa parte das idéias contidas no estudo escrito cinco anos antes por Otto Rank, ele foi além das conclusões extraídas por seu discípulo de que a ameaça ao narcisismo, que gera uma tentativa de defesa, é suficiente para explicar o aparecimento do duplo acompanhado pelas sensações que provoca. Para pensar as causas do estranhamento, Freud não só vincula o

duplo à regressão à fase de supervalorização narcísica, como também inclui a compulsão à repetição em sua análise do fenômeno. Ele introduz essa idéia do seguinte modo:

o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes¹⁴⁶.

Portanto, o duplo é um fenômeno diretamente relacionado a uma perturbação das funções do eu – envolvendo a regressão no modo de funcionamento que afeta o teste de realidade e a ocorrência de despersonalização, divisão e duplicação do eu – à repetição e ao retorno do mesmo. Estas características acentuam a afirmativa de que o estranhamento serve, mesmo que “parcialmente”, como defesa pois, nos exemplos inegáveis de estranhamento que estão ligados à onipotência de pensamento, ou seja, à antiga concepção animista do universo, há uma “supervalorização narcísica do sujeito, de seus próprios processos mentais”¹⁴⁷, como um modo de desviar-se das proibições manifestas da realidade, ou seja, da castração, em última instância.

¹⁴⁵ Rank, O., El doble, p. 133.

¹⁴⁶ Freud, S., O estranho, p. 293.

¹⁴⁷ Freud, S., O estranho, p. 300.

Os limites impostos pela realidade muitas vezes remetem à impossibilidade de o eu, instância psíquica responsável pela mediação e pela razão, manter seu funcionamento de acordo com o processo psíquico secundário em razão de uma determinada exigência de satisfação. Neste sentido, a defesa é contra o que há de mais íntimo no sujeito e do qual ele não pode escapar. A ligação entre o estranho e a compulsão à repetição esclarece seu aspecto tão assustador e demoníaco, minuciosamente descrito através dos exemplos encontrados por Otto Rank.

As situações que situam o indivíduo frente a “um retorno involuntário da mesma situação”¹⁴⁸ originam a sensação de desamparo e de estranheza. “É apenas esse fator de repetição involuntária que cerca o que, de outra forma, seria bastante inocente, de uma atmosfera estranha, e que nos impõe a idéia de algo fatídico e inescapável”¹⁴⁹.

Esta repetição chamada de compulsão à repetição é uma característica das pulsões,

compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, (...) o que quer que nos lembre esta íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho¹⁵⁰.

¹⁴⁸ Freud, S., O estranho, p. 296.

¹⁴⁹ Freud, S., O estranho, p. 296.

¹⁵⁰ Freud, S., O estranho, p. 297-298.

Não é toda repetição que causa estranheza, mas sim a repetição associada a determinadas condições e circunstâncias – retorno do recalcado e regressão a formas de funcionamento anteriores. Tal tipo de repetição “provoca indubitavelmente uma sensação estranha, que, além do mais, evoca a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos [sonhos traumáticos]”¹⁵¹.

Ao incluir a compulsão à repetição, que pode ser evidenciada através do fenômeno do duplo, em sua investigação sobre o estranho, Freud remete este último ao enigma da pulsão. Deste modo, sustenta a ligação entre a angústia, o desejo e a compulsão à repetição, esclarecendo que o estranho provém do que há de mais profundo e do que se relaciona ao retorno do desejo – a pulsão.

Para entendermos melhor qual a verdadeira novidade introduzida por Freud em seu texto de 1919, analisaremos brevemente a compulsão à repetição. Como afirmamos na introdução, a compulsão à repetição é uma noção bastante complexa e importante na teoria freudiana e foi concebida ao mesmo tempo em que Freud escrevia O estranho.

Assim, Freud afirma em 1919 o que escreveria em Além do Princípio de Prazer, publicado cerca de um ano depois, acerca da compulsão à repetição. Em Além do Princípio de Prazer, Freud postula a pulsão de morte e afirma que a repetição é “inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de

¹⁵¹ Freud, S., O estranho, p. 295.

coisas”¹⁵². Ele introduz a novidade de que a pulsão não apenas impele para mudança e desenvolvimento. A pulsão busca alcançar um velho objetivo, o objetivo de retornar àquilo de que se afastou. Portanto, a pulsão, apesar de não conseguir, “nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação”¹⁵³ mítica. Toda pulsão, de vida ou de morte, tende a retornar a um estado anterior do qual se afastou. Enquanto a pulsão de morte é a mais pura expressão desse princípio de funcionamento, a pulsão de vida impele também para a mudança.

É a busca da satisfação completa, mítica, que distingue a quantidade de prazer da satisfação exigida da quantidade que pode e de fato é alcançada. É essa diferença que impulsiona, “pressiona sempre para frente”¹⁵⁴. O caminho para trás que levaria à satisfação completa, nos diz Freud, está sempre “obstruído pelas resistências que mantêm” o recalque, não havendo outra alternativa a não ser prosseguir em direção ao objetivo da satisfação, mesmo sendo este impossível de ser atingido.

Vejamos esta novidade introduzida por Freud de outro modo. A compulsão à repetição é uma característica da pulsão. Toda pulsão tende à repetição. A partir deste momento, o recalque não é a causa da compulsão à repetição. A pulsão tem a tendência à repetição como sua essência, seja

¹⁵² Freud, S., Além do princípio de prazer, p. 54.

¹⁵³ Freud, S., Além do princípio de prazer, p. 60.

recalcada ou não. Por sua vez, o retorno do recalcado, em virtude da insistência pulsional, também é efeito da compulsão à repetição, e por essa razão Freud afirma que o recalque requer um dispêndio permanente de energia, já que deixada a si mesma a energia pulsional volta a buscar satisfação.

Em sua atividade constante de busca de satisfação, a pulsão exige um trabalho constante de manutenção do recalque. Ela age em contradição com os objetivos do eu, levando o indivíduo muitas vezes ao sofrimento, fato que exemplifica a permanência do conflito em psicanálise.

Dito de outro modo, a compulsão à repetição mantém uma relação antagônica com o princípio de prazer. A formulação de um além do princípio de prazer, que caracterizará o isso como o espaço do pulsional, resulta de uma tentativa feita por Freud de abarcar as descobertas observadas em sua clínica.¹⁵⁵ Para ele, as pulsões são a fonte de maior perturbação econômica, pois os impulsos delas advindos pertencem aos “ ‘processos de energia livre que pressionam por descarga’, processos psíquicos primários”¹⁵⁶. Portanto, para evitar perturbações na vida mental, a excitação pulsional tem de ser ligada, já que a dominância do princípio de prazer só pode instalar-se após a ligação ter sido efetuada. Antes disso acontecer, a principal tarefa do aparato psíquico é

¹⁵⁴ Freud, S., Além do princípio de prazer, p. 60. Citação de Mefistófoles, em Fausto, Parte I [cena 4].

¹⁵⁵ Cf., Rudge, A., Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p.34.

¹⁵⁶ Rudge, A., Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p. 27.

ligar as excitações, tarefa esta que não é oposta ao princípio de prazer, embora dele independa até certo ponto.

Assim, enfatizamos aqui, particularmente, o trecho de Além do princípio de prazer em que Freud afirma que, toda vez que agem em oposição ao princípio de prazer, as manifestações da compulsão à repetição, exibindo alto grau de caráter pulsional, têm o caráter de uma força “demoníaca” em operação. Essa manifestação reenvia-nos à descrição do estranho em sua vertente do duplo, apesar de esta conceitualização não ter sido utilizada em 1919, pois o duplo é sentido como aterrorizante, inescapável, assim como a sensação que, na compulsão de destino, acompanha a repetição de um acontecimento.

Como vimos, em O estranho Freud afirma a estreita relação existente entre a compulsão à repetição e a sensação de estranheza. Esta é uma importante articulação que o estranho familiar traz, pois o desejo recalcado que retorna obedece à compulsão à repetição. É possível reconhecer o predomínio de uma compulsão à repetição da pulsão, ou seja, existe uma repetição e o sujeito não pode se reconhecer implicado nela a partir de seu desejo.

A compulsão à repetição é característica da própria pulsão e, portanto, não depende do recalque (...) as pulsões (...) tendem a funcionar dentro do regime econômico do processo primário; este regime não mais estará, a partir desta discriminação, confundido com o domínio do princípio de prazer¹⁵⁷.

O movimento da pulsão de morte “sugere uma atividade permanente que tende à dissolução do eu, buscando a volta ao funcionamento psíquico primário”¹⁵⁸. Essa direção, ligada ao inescapável, se esclarece, se considerarmos o que Freud denominou de compulsão de destino. Esta aparece ao sujeito como sendo exterior a ele, fatídica:

Na compulsão de destino, a pulsão, como pura atividade, escapa ao campo das representações e só de seus efeitos no real a percepção pode dar conta. (...) Nesse caso, as pulsões de morte, embora façam barulho, são consideradas mudas porque não falam a partir do inconsciente como nos sonhos, atos falhos, formações do inconsciente em geral. São manifestações percebidas, mas que não são reconhecidas pelo sujeito como produções suas¹⁵⁹.

O sujeito não reconhece o que de seu desejo pode estar envolvido nessa compulsão que não traz prazer; ao contrário, ele insiste em coisas que têm conseqüências sérias e, às vezes, desastrosas.

Entre os vários exemplos encontrados por Rank para falar a respeito do fenômeno do duplo, encontramos a característica de o personagem sentir-se atrelado a um destino do qual não pode escapar. Esta impossibilidade de escape, que remete à sensação de estranhamento, é sentida justamente como seu caráter demoníaco. Como vimos, não há vontade livre, mas uma insistência que, apesar dos esforços do eu, prevalece como compulsão à repetição. Quando Freud

¹⁵⁷ Rudge, A., Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p. 28.

¹⁵⁸ Rudge, A., Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p. 36.

¹⁵⁹ Rudge, A., Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato, p. 37.

afirma que a regressão pode ocorrer no estranhamento, ele a atrela à impossibilidade momentânea de o eu funcionar de acordo com as leis do processo psíquico secundário, passando a se submeter ao funcionamento em processo primário, ou seja, o surgimento da estranheza se deve ao conflito psíquico imposto pelas exigências pulsionais.

Tendo discutido a importância da compulsão à repetição para a compreensão do artigo freudiano de 1919, voltemos a ele no ponto em que aborda a morte.

Freud concorda com as idéias de Rank a respeito da ligação do duplo com reflexos, sombras, espíritos guardiões, crença na alma e medo da morte, e ressalta no trabalho do discípulo o que considera como a surpreendente evolução da idéia da morte. Assim, originalmente o duplo “era uma segurança contra a destruição do eu, uma ‘enérgica negação do poder da morte’ ”.¹⁶⁰ Em outras palavras, Freud concorda com a idéia de que a duplicação é uma defesa contra a extinção, contra a morte e, em sua relação com a compulsão à repetição, contra o retorno de um desejo. Esta idéia que associa o duplo a uma defesa contra a extinção reforça a articulação que propomos entre o estranhamento e uma defesa do eu.

O duplo surge na infância, período em que há predominância do narcisismo primário, podendo ser também observado no homem primitivo.

¹⁶⁰ Freud, S., O estranho, p. 293.

Entretanto, quando o narcisismo primário é superado, o duplo inverte seu sentido e “transforma-se em estranho anunciador da morte”¹⁶¹. Assim como o narcisismo é a possibilidade que nunca cessa de investir o eu, a idéia do duplo não desaparece com o passar dos anos. Após o período do narcisismo primário, o duplo “pode receber novo significado dos estádios posteriores do desenvolvimento do eu”¹⁶².

O que possibilita o surgimento de um novo significado para o duplo é uma diferenciação no eu que, aos poucos, origina uma atividade especial que critica o sujeito e exerce uma “censura dentro da mente”. Neste artigo, essa atividade especial é nomeada de consciência; posteriormente, como visto, ela é incluída como uma atividade exercida pela instância psíquica superegóica. O fato de o supereu poder tratar o eu como um objeto:

torna possível investir a velha idéia do ‘duplo’ de um novo significado e atribuir-lhe uma série de coisas – sobretudo aquelas coisas que, para autocrítica, parecem pertencer ao antigo narcisismo superado dos primeiros anos¹⁶³.

O próprio supereu pode ser pensado como o duplo do eu. Sendo uma diferenciação deste, com este guarda familiaridade; ao mesmo tempo, assume o aspecto sádico e perseguidor do eu, ameaçando-o. Estes aspectos também são descritos na literatura sobre o tema do duplo que persegue e se impõe ao

¹⁶¹ Freud, S., O estranho, p. 294.

personagem. Este é mais um exemplo de como a onipotência e a totalidade do eu são ilusórias, já que sua estrutura é fragmentada.

Ao evocar o fenômeno do duplo, a questão freudiana gira em torno do que teria levado o eu a se defender projetando para fora o material como “algo estranho a si mesmo”¹⁶⁴. Sobre isso Freud diz que

a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o 'duplo' ser uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado – incidentalmente, um estágio em que o 'duplo' tinha um aspecto mais amistoso. O 'duplo' converteu-se num objeto de terror, tal como, após o colapso da religião, os deuses se transformaram em demônios¹⁶⁵.

Não é acidental que o tema do duplo tenha sido desenvolvido simultaneamente à introdução do narcisismo. Freud concebe o eu como um objeto de amor, uma imagem do corpo. O duplo evidencia uma cisão que se apóia na própria estrutura do eu. Embora o duplo surja no narcisismo primário com um aspecto amistoso, o eu, quando se diferencia do mundo externo, projeta para fora o seu aspecto atemorizante. Curiosamente, por mais que rejeite uma parte de si, ainda assim o eu não pode ignorá-la quando a experimenta como estranho. Tendo surgido na fase animista, ligado à onipotência dos pensamento, o duplo era a negação da morte, porém, após a inversão de seu aspecto e o

¹⁶² Freud, S., A negativa, p. 294.

¹⁶³ Freud, S., A negativa, p. 294.

¹⁶⁴ Freud, S., O estranho, p. 295.

¹⁶⁵ Freud, S., O estranho, p. 295.

complexo de Édipo, sua presença evidencia não só a morte, como também a castração, a impotência e a fragmentação narcísica.

Assim como o duplo, o estranho porta a ambigüidade como característica de sua estrutura fundamental, o que pode ser visto em sua nomeação: estranho-familiar. A análise etimológica feita por Freud no início de O estranho revela que a palavra *heim* traz em si o significado oposto: *unheim*. Essa ambigüidade havia sido analisada em 1910 pelo próprio Freud em A significação antitética das palavras primitivas, onde disse que a linguagem primitiva se porta como as formações do inconsciente. Algumas dessas palavras primitivas têm dois significados opostos, assim como *heimlich* significa familiar e também estrangeiro, fora da casa, estranho. É como se o estranho expusesse esse mecanismo do funcionamento do inconsciente para o eu, externasse para o mundo algo que deveria se restringir ao inconsciente. O duplo é a encarnação dessa ambivalência, presença visível reconhecida e desconhecida, já que uma característica muito íntima do sujeito, que o constitui, é projetada para o exterior e, quando está fora, não é reconhecida como tal. É isso o que causa a estranheza, o horror diante de algo que o eu não quer reconhecer como seu porque recalçou anteriormente.

Em 1925, quando escreve A negativa, Freud traz mais um dado para esclarecer o que impulsiona o eu a defender-se deste modo. Como podemos ver na seguinte passagem:

o eu prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao eu, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos¹⁶⁶.

Assim, vemos que a idéia do protetor contra a morte que se torna seu anunciador é, em um primeiro momento, parte da origem da imagem do eu: *heim* antes da expulsão. Mesmo que o narcisismo primário, a onipotência dos pensamentos seja uma fase superada, ele deixa sua marca, seu traço, continuando a atuar por toda a vida.

Para exemplificar sua idéia, Freud utiliza uma passagem de O estudante de Praga, de Ewers, que, como vimos, serviu de ponto de partida para o estudo de Rank sobre o 'duplo':

Há também todos os futuros, não cumpridos mas possíveis, a que gostamos ainda de nos apegar, por fantasia; há todos os esforços do eu que circunstâncias externas adversas aniquilaram e todos os nossos atos de vontade suprimidos, atos que nutrem em nós a ilusão da Vontade Livre¹⁶⁷.

Portanto, mesmo sendo uma fase superada, o eu, de certo modo, sempre se apega a ela para manter sua imagem, mesmo sendo uma ilusão posto que está submetido a uma força que não o deixa livre. A compulsão à repetição, em sua insistência, é o que impede o eu de ser livre.

¹⁶⁶ Freud, S., A negativa, p. 297.

¹⁶⁷ Freud, S., O estranho, p. 294-295.

A partir do que vimos sobre a relação do eu com o supereu, podemos dizer que o supereu, mesmo sendo uma parte diferenciada do eu, está mais próximo do funcionamento do isso, e que por esse motivo a ele se alia, “invocando” o material recalçado que reaparece insistindo, à revelia do eu, comandado pelos propósitos da compulsão à repetição. Em outras palavras, o supereu age sob o domínio da compulsão e pressiona o eu, que nesse momento só tem como se defender tentando projetar fora de si o material em que consiste o (seu) duplo que o ameaça. Por isso o eu tem a sensação de estar atrelado a um destino inevitável que o persegue sob a forma de um duplo. O retorno do recalçado que marca a teorização freudiana sobre o estranhamento está ligado à insistência da compulsão à repetição que imprime ao duplo a característica de destino inevitável, característica que Rank já ressaltara.

Freud também aponta para a relação do estranho com a morte e, nesse sentido, para sua relação com a tendência das pulsões, ao afirmar que o conservadorismo do homem diante da morte se deve a dois motivos: não haver um saber científico sobre ela e o homem mantém uma forte reação emocional diante dela. O inconsciente não tem “uso” para sua própria mortalidade. Em outras palavras, a morte é o incognoscível.

O primitivo medo da morte pode vir à tona por qualquer provocação.

Considerando a nossa inalterada atitude em relação à morte, poderíamos, antes, perguntar o que aconteceu ao recalque, que é a

condição necessária de um sentimento primitivo que retorne em forma de algo estranho. O recalque, porém, também está presente¹⁶⁸.

A sensação de estranheza é conseqüência da pressão de toda pulsão recalçada, que não cessa, sobre a instância recalcante. Esta, em certos momentos, pode escapar ao recalque e surgir acompanhada de estranhamento.

Como um fenômeno que pode provocar o estranhamento, o duplo exemplifica e reúne alguns elementos analisados nesta dissertação: o distúrbio narcísico, que pode levar à regressão a modos de funcionamento menos elaborados, à duplicação e divisão do eu; a angústia, que não é dissipada e atormenta o sujeito; e a repetição involuntária, que presentifica para o sujeito a ação do isso, a pressão da pulsão que faz retornar um desejo recalçado. Sob esta conjunção de fatores, o sujeito não distingue ilusão e realidade, duplicando-se, despersonalizando-se. Ele assim disfarça o conteúdo, mas não anula a estranheza que o invade.

¹⁶⁸ Freud, S., O estranho, p. 303.

IV – A RELEVÂNCIA DO ESTRANHO COMO FENÔMENO CLÍNICO À LUZ DE UM DISTÚRBIO DE MEMÓRIA NA ACRÓPOLE

Repita sem cessar: todo homem que se julga livre é apenas joguete de potências tirânicas e ferozes, às quais é inútil resistir. E não há nada mais a fazer, se não nos submetermos humildemente ao que o destino resolveu nos impor¹⁶⁹.

Ao longo dos três primeiros capítulos, sistematizamos algumas formulações teóricas apresentadas por Freud para dar inteligibilidade a fenômenos encontrados em sua prática analítica. Enfatizamos o retorno do recalado, a angústia e a compulsão à repetição como noções que aparecem estreitamente associadas à experiência de estranhamento. Neste sentido, parece-nos fundamental investigar agora a importância do estranhamento na clínica psicanalítica porque ele pode apontar para um momento produtivo em que, face ao retorno do recalado, alguma nova construção surja.

O estranho pode ser um momento de abertura que viabilize a construção de uma significação sobre o desconhecido e opere uma mudança na posição subjetiva do sujeito, já que anuncia, mesmo que disfarçadamente, um desejo inconsciente. Decerto, porém, também há a possibilidade de o sujeito não elaborar o vivido da experiência e, neste caso, o estranhamento não possibilitar mudança alguma na posição subjetiva do sujeito.

¹⁶⁹ Hoffmann, E., O Homem da Areia, p. 45

O texto freudiano Um Distúrbio de Memória na Acrópole, escrito em 1936, exemplifica a associação da vivência do estranhamento a uma experiência a qual todos estão sujeitos pois, como mencionado, revela a fragilidade de coesão do eu, sendo desencadeada pelo retorno do recalçado – que se manifesta devido ao aumento da pressão pulsional, ao enfraquecimento do recalque ou a um acontecimento externo – pela regressão ao modo animista de pensamento ou pelo “o que quer que lembre” a compulsão à repetição. O texto sobre a Acrópole tem como questão central a análise de uma experiência de estranheza vivida por Freud. Em sua análise Freud enfatiza que a desrealização e a despersonalização são perturbações no funcionamento do eu que alteram a percepção do sujeito, a fim de disfarçarem o desejo que retorna vinculando-se diretamente ao sentimento de estranheza. Tais perturbações revelam o funcionamento da estrutura do eu e a possibilidade de sua desorganização. Mesmo sendo o estranho uma experiência que pode ser encontrada mais frequentemente na ficção, o texto é um excelente exemplo de que os sujeitos neuróticos não estão impossibilitados de vivê-la.

Escrito por Freud aos oitenta anos, sob a forma de uma carta aberta a Romain Rolland para homenageá-lo por seu septuagésimo aniversário, Um distúrbio de memória na Acrópole descreve a análise de um “incidente” pessoal ocorrido em 1904, quando fazia uma viagem de férias com seu irmão mais novo. Freud relata que, ao visitarem a Acrópole pela primeira vez, foi invadido por

estranhas sensações. Para Freud, essas estranhas sensações, que o fizeram sentir-se dividido e sem a noção do que era real, resultam de “processos complexos” que se manifestam como fenômenos de despersonalização e desrealização. Desse modo, Freud afirma a Romain Rolland querer elucidar as forças psíquicas que operam por trás desses processos.

Em sua carta, ele conta que, àquela época, tinha por hábito viajar de férias por algumas semanas com seu irmão mais novo. Durante a viagem que os levaria a Acrópole, seu irmão comunicou a ele que teriam de abreviar a viagem em razão de compromissos de trabalho. Os dois decidiram ir à ilha de Corfu via Trieste. Entretanto, ao chegarem a Trieste, um conhecido lhes advertiu que não fossem a Corfu naquela época do ano por causa do intenso calor, sugerindo-lhes que fossem a Atenas. Após este encontro, ambos sentiram-se com os ânimos deprimidos. Ao discutirem a sugestão, decidiram que o melhor a fazer era não ir a Atenas pois lhes parecia muito difícil a entrada na Grécia. Enquanto esperavam a hora de comprar as passagens para prosseguirem a viagem, Freud e seu irmão ficaram vagando pela cidade aborrecidos e indecisos. Curiosamente, ao chegarem no guichê, compraram de forma natural duas passagens para Atenas sem discutirem os motivos desta decisão. “Esse comportamento, deve ser dito, foi muito estranho”¹⁷⁰.

¹⁷⁰ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 295.

Tendo reconhecido que aceitara muito rapidamente a proposta de ir a Atenas, Freud quer saber qual a relação desta decisão com o estado tão sombrio em que se encontravam antes de comprarem as passagens. Chama a atenção que, desejando muito ir a Acrópole e podendo realizar seu desejo, o que deveria causar alegria é surpreendido com uma sensação de incômodo e uma depressão levemente inquietante.

Ao realizar seu desejo e chegar à Acrópole, a depressão dá lugar a uma perturbadora experiência de estranhamento. Freud tem sua mente invadida por um “estranho pensamento”, um pensamento “surpreendente”: “Então tudo isso realmente existe *mesmo*, tal como aprendemos no colégio!”¹⁷¹, que o faz sentir-se como duas pessoas. Freud continua seu relato da seguinte maneira:

em mim essa pessoa que expressou esse comentário estava dividida, muito mais nitidamente dividida do que em geral seria perceptível, de uma outra pessoa que tomava conhecimento desse comentário; e ambas as pessoas estavam surpresas, se bem que não com relação à mesma coisa¹⁷².

Surpreendido com a existência real da Acrópole, Freud prossegue precisando que a primeira pessoa, ou seja, uma parte de si:

comportava-se como se estivesse obrigada, sob o impacto de uma observação inequívoca, a acreditar em algo cuja realidade parecia, até então, duvidosa (...). A segunda pessoa, por outro lado, com razão estava surpresa, pois desconhecia a possibilidade de que a existência

¹⁷¹ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 295.

¹⁷² Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 295.

real de Atenas, da Acrópole e do cenário em torno, alguma vez tivesse sido objeto de dúvida. O que essa pessoa estivera esperando era, preferentemente, alguma expressão de alegria ou admiração¹⁷³.

A incredulidade diante da real existência da Acrópole é simultânea à divisão de si em que Freud sente-se como duas pessoas. A percepção da própria divisão do eu, vislumbrada através de sua dúvida – uma parte dele duvidava da realidade da Acrópole e a outra não acreditava na própria dúvida – é acompanhada da sensação de estranheza.

Freud afirma que a depressão sentida em Trieste e a experiência na Acrópole estão intimamente relacionadas. Mesmo guardando características próprias, os dois fenômenos referem-se à incredulidade. Sendo assim, compreender a depressão pode ajudar a explicar a idéia ocorrida na Acrópole.

A depressão que antecederia o estranhamento em Trieste havia sido motivada por ordem do supereu. Freud não podia acreditar que teria a alegria de ver Atenas, a depressão surgindo então como uma punição imputada pelo supereu. “O sofredor não se permite a felicidade: a frustração interna ordena-lhe que se afeire à frustração externa”¹⁷⁴. Aqui, um pessimismo vinculado ao sentimento de culpa, imputado pelo supereu, se materializa como Destino do qual o sujeito não pode escapar. Antes de chegar a Atenas a incredulidade ocorre sob a forma de uma tentativa de repelir parte da realidade; “há, porém, algo de

¹⁷³ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 295.

¹⁷⁴ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 297.

estranho nesse fato”¹⁷⁵. Em geral, uma tentativa semelhante a essa tem como objetivo afastar um aspecto da realidade que ameaça causar desprazer. Por que, então, o eu precisaria tentar se defender por meio da incredulidade de algo que promete trazer elevado prazer? “Conduta realmente paradoxal!”¹⁷⁶ Na maioria das vezes o indivíduo sente desprazer quando não realiza um desejo e nesse caso acontece o oposto: a depressão acompanhada do estranhamento resulta da realização de um intenso desejo.

Quando chegou à Acrópole a incredulidade surgiu através da idéia “a Acrópole realmente existe!”. O intrigante para Freud foi a submissão de sua alegre surpresa por estar naquele local “a um disfarce tão dissimulado e desorientador”¹⁷⁷. A análise do conteúdo do pensamento mostra que a incredulidade, que era sua essência, foi mantida na distorção.

O sentimento de irrealidade vivido, chamado de desrealização, inclui o próprio Freud, a Acrópole e a percepção que ele teve dela. A sensação de estranhamento foi impactante; o desejo que o ameaçava, por mais desconhecida e estranha que a Acrópole lhe parecesse, realizou-se quando lá chegou. Em outras palavras, a experiência de estranhamento foi desencadeada pela conjunção de sua chegada à Acrópole e a significação que isso tinha para ele.

¹⁷⁵ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 296.

¹⁷⁶ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 296.

¹⁷⁷ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 298.

Na despersonalização e na desrealização, o sujeito tem a percepção de si e da realidade modificadas em função de uma perturbação no funcionamento do eu, que responde a algum acontecimento de sua vida. A desrealização é uma falha do funcionamento psíquico que disfarça algo e tem um valor defensivo. É uma tentativa de defesa contra o desejo que retorna, quer dizer, essa medida defensiva responde a “um sentimento de impotência”¹⁷⁸ diante de determinada situação. Para Freud, o que estava em jogo era o retorno de um desejo ameaçador relacionado à idéia de estar na Acrópole e diante do qual sentiu-se impotente. Esta idéia se vincula a recordações e experiências infantis angustiantes submetidas ao recalçamento. Assim, é a partir da reconstrução destas que a experiência relatada por Freud pode encontrar um sentido.

Freud relaciona seu desejo de viajar à insatisfação infantil relacionada às dificuldades familiares que viveu; o desejo de viajar estaria vinculado ao desejo de fugir de casa. Neste sentido, o fato de ter chegado à Acrópole representou para Freud uma vitória, como se ele realmente tivesse conseguido ir muito longe, entretanto o sentimento de culpa pela possibilidade de obter esta satisfação interferira em seu regozijo já em Trieste, manifestando-se por meio da depressão. “Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai”¹⁷⁹.

¹⁷⁸ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 301.

¹⁷⁹ Freud, S., Um distúrbio de memória na Acrópole, p. 303.

Assim, o que interferiu na satisfação de Freud em viajar foi o sentimento de respeito filial. O desejo de superar o pai que havia sido recalçado – desejo acompanhado de culpa – não podia ser afirmado diretamente. Por isso, ao satisfazer esse desejo na visita à Acrópole, a desrealização e a despersonalização disfarçaram a significação da realização do desejo recalçado que Freud atribui à sua chegada na Acrópole. Por outro lado, porém, o eu perdeu o controle de suas fronteiras e o sujeito experimentou o estranhamento. Como afirmamos nos capítulos anteriores, o estranho é perturbador porque se liga ao retorno do recalçado, porém o desejo que retorna é disfarçado pela irrealidade que atordoa o sujeito, essa forma defensiva possivelmente implicando a regressão a um modo anterior de funcionamento do eu.

Portanto, o estranhamento experimentado na Acrópole assinalou o desejo de Freud de superar o pai; desejo que não podia ser afirmado diretamente, pois acompanhado de culpa, teve que se disfarçar para aparecer à custa de intensa sensação de estranhamento.

A partir da experiência de estranheza que o perturbou “tantas vezes”, Freud pode se deparar com a ilusão de ter tido uma vitória sobre o pai. Todavia a satisfação vivida não deixou de lhe causar angústia, pois esta não foi eliminada apesar da tentativa de defesa do eu. Com o passar dos anos, a ilusão da vitória sobre o pai se dissolve. Aos oitenta anos, assim como seu pai, também Freud pode se reconhecer impotente frente ao envelhecimento e à morte. Em virtude

disso, talvez tenha podido construir essa interpretação, já que a culpa em relação a seu desejo não tinha mais por que persistir. Possivelmente a velhice já tinha feito com que renunciasse à onipotência da juventude, na qual se imaginava suplantando seu pai, como se tivesse causado seu envelhecimento e fraqueza e fosse permanecer eternamente jovem. A castração simbólica¹⁸⁰ é exatamente a aceitação de que as gerações se sucedem, de que todos envelheceremos e de que seremos substituídos pelos mais jovens. A castração simbólica interrompe o circuito da culpa sustentado pela onipotência. Assim, pode-se dizer que a não aceitação da castração em sua relação com a angústia foi outro fator presente na experiência relatada por Freud.

Em resumo, a vivência de estranhamento, ligada aos fenômenos de despersonalização e de desrealização, se relacionou com a forma de defesa do eu que possibilitou o disfarce do desejo de superar o pai naquela situação. A tentativa de defesa é limitada, pois se, por um lado, disfarça o desejo, por outro, não impede a emergência da angústia, havendo a regressão a uma forma defensiva menos elaborada.

Além disso, o incidente ocorrido na Acrópole mostra que a estranheza pode ocorrer com qualquer pessoa. Reconhecer o aspecto positivo do estranho é enxergar a possibilidade de construção por trás da experiência, assim como seu vínculo com o desejo que retorna. Em outras palavras, construir um novo

¹⁸⁰ Contribuição importante de Lacan à teoria psicanalítica. Cf., por exemplo, O seminário

sentido para o familiar surgido tão estranhamente para o sujeito. Se o estranhamento indica uma perturbação do eu ante alguma circunstância em que no momento não se tem outros recursos para lidar com esta, a crise é também o que traz a possibilidade de um salto, do surgimento de uma nova condição, levando o sujeito a se posicionar subjetivamente de outro modo.

De todo modo, não se pode passar por tal experiência subjetiva sem ser afetado por ela. A vivência do estranho é acompanhada de uma carga de horror e de angústia, que se paralisa em um primeiro momento, pode tornar-se o que viabilizará a ocorrência de outro destino para a posição subjetiva do sujeito frente a algo. Isso dependerá da possibilidade de o sujeito, por meio de uma construção, implicar-se subjetivamente no que ocorreu.

A importância do estranho como fenômeno clínico está, portanto, em seu poder de sinalizar a repetição do inconsciente. O estranho assinala um momento em que o sujeito tem a possibilidade de ressignificação, de simbolização de algo que até então não fazia sentido. No caso de Freud, o desejo de superar o pai, demonstrado pelo trabalho de análise elaborado a partir de sua experiência.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido por Freud ao longo de sua obra, mesmo podendo ser diferenciado em dois momentos nomeados como primeira e segunda tópicas na construção de uma metapsicologia, é marcado por avanços suscitados pela prática clínica, que não apagam os desenvolvimentos teóricos anteriores. Acreditamos que o fazer psicanalítico, entrelaçando prática e teoria, nos convence da delicadeza e da fragilidade humanas, evidenciadas, por exemplo, na experiência de estranhamento; o homem pode, em alguns momentos, deparar-se com a insuficiência¹⁸¹ de sua capacidade em responder a uma determinada exigência, interna ou externa. Esta insuficiência pode se manifestar em seu desamparo, em sua perplexidade e na angústia que o recobre e o invade. Porém, a possibilidade de recompor-se também existe. O estranho tem valor defensivo, mas é vivido como incapacidade momentânea do sujeito, que se paralisa, se assusta e não se reconhece mais como aquele que pensava conhecer tão bem. Como vimos, esta experiência remete a um segundo momento de defesa contra o retorno do recaiado, que não é tão bem-sucedido assim.

¹⁸¹ Escolhemos a utilização do termo insuficiência e não falência para acentuar o caráter não patológico da experiência de estranhamento em oposição à leitura inversa bastante difundida.

Certamente a vivência do estranho se relaciona à divisão do sujeito, ocorrendo a aparição de algo inconsciente que o reenvia à sua cisão estrutural. Ao aparecer para o sujeito, sua divisão provoca estranheza visto que presentifica “a outra cena”, cena do inconsciente na qual ele não se vê mais como ser da razão, com domínio total sobre seus atos e pensamentos. Aí mesmo o sujeito é forçado a se deparar com a cisão existente entre a consciência e o inconsciente, ou, nos termos da segunda tópica, com a cisão do próprio eu, momento que é assinalado pela angústia que o acompanha.

Na vivência do estranhamento, interessou-nos investigar o momento em que há uma quebra da linha vivencial do sujeito, que o situa frente à sua divisão, a seu inconsciente. A pergunta “o que o homem sabe sobre si?” talvez seja o que impulsiona a psicanálise até os dias atuais em seu enlace entre prática e teoria, e foi, certamente, o que moveu esta dissertação.

Após o exame da experiência de estranhamento por meio de sua relação com o eu, da angústia e da defesa contra o retorno do recaiado, com o duplo como figura central na estrutura narcísica, há algumas questões que permanecem.

Para podermos formulá-las, todavia, deve-se primeiramente esclarecer os pontos de acordo que levam ao terreno “familiar” da estranheza. Freud conclui que:

uma experiência estranha ocorre quando complexos infantis que haviam sido recalçados revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se¹⁸².

No entanto, Freud diferencia os dois casos. Ele afirma que a primeira categoria – “quando o estranho provém de complexos infantis recalçados, do complexo de castração, das fantasias de estar no útero, etc.”¹⁸³ – “é a mais resistente das duas”¹⁸⁴, pois permanece poderosa tanto no campo ficcional quanto na experiência real. Neste caso, é a realidade psíquica que se impõe¹⁸⁵.

No segundo caso – quando o estranho provém de uma regressão a modos superados de pensamento, ligados à onipotência, à pronta realização de desejos e outros exemplos que se referem à regressão quanto à função do teste de realidade – é a realidade material que está em jogo.

Apresentando esta diferenciação, Freud não recusa a possibilidade de que ambos os casos sejam, simultaneamente, responsáveis pela determinação do estranho, afirmando ainda que, na maioria das vezes, eles aparecem mesclados. Como ressalva, ele apenas sugere que a categoria do estranho vinculada aos modos superados de pensamento – que no entanto continuam a existir e sempre

¹⁸² Freud, S., O estranho, p. 310.

¹⁸³ Freud, S., O estranho, p. 309.

¹⁸⁴ Freud, S., O estranho, p. 313.

¹⁸⁵ Desde o início do pensamento freudiano, a realidade de um acontecimento foi posta em xeque. Sua dúvida surgiu ao escutar as histéricas que falavam da cena de sedução (traumática). Qual seria a veracidade do que diziam? Elas mentiam? A partir destas questões sobre a realidade da cena de sedução, Freud reformulou sua pergunta e a importância do

podem se apoderar do sujeito quando qualquer confirmação da realidade remeta a eles – é mais suscetível a críticas, pois em alguns exemplos literários, como nos contos de fada, ele pode ser encontrado sem o sentimento de estranheza.

O que não deixa dúvidas para Freud é o fato de que:

O animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração compreendem *praticamente* todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho¹⁸⁶.

A partir da conclusão freudiana, como já foi dito na Introdução, uma inquietação permaneceu, que pode ser destacada com o auxílio da seguinte afirmação: “nem tudo o que evoca desejos recalcados e modos superados de pensamento (...) é por causa disso estranho”¹⁸⁷.

O estranho, como uma resposta do eu deslanchada pela angústia, demonstrada, por exemplo, pelo relato da experiência ocorrida na Acrópole, aponta para uma tentativa de defesa contra a aparição do desejo recalcado que retornou; para desconhecê-lo, o eu regride a um modo superado de funcionamento psíquico, desconhecendo a realidade, duplicando-se. Algo, porém, continua assustador porque não houve sucesso em eliminar a angústia. Na experiência de estranheza, o desencadeamento da angústia não foi obstruído,

trauma, independentemente de ele ter ocorrido ou não, deve sua existência ao fato de que se impõe como realidade psíquica.

¹⁸⁶ Freud, S., O estranho, p. 303. O grifo é meu.

¹⁸⁷ Freud, S., O estranho, p. 306.

como ocorre nas defesas mais bem-sucedidas, como as da histeria, caracterizada como “la belle indifférence”.

O desejo recalçado retornou em seu caráter perturbador, sinalizado pela angústia sinal, e apesar do cunho defensivo do estranhamento, a angústia não pôde ser inteiramente evitada com o recurso a ele. Por isso, consideramos o estranhamento como uma defesa de emergência.

Trata-se, no caso do estranho, de uma experiência marcante e dolorida para o sujeito:

“É evidente, portanto, que devemos estar preparados para admitir existirem outros elementos, além daqueles que estabelecemos até aqui, que determinam a criação de sensações estranhas. (...) Aquilo que resta pede provavelmente uma investigação *estética*”¹⁸⁸.

A estética, como visto na Introdução, estuda a teoria das qualidades do sentir, e neste sentido, valorizamos a indicação de que o estranho é uma experiência que tem um caráter bastante particular. Esta questão, todavia, não implica a negação das conclusões estabelecidas até aqui, que são uma tentativa de abordar o estranho metapsicologicamente. Tanto o retorno do conteúdo recalçado quanto a regressão a formas superadas de pensamento associam-se à estranheza. Contra o retorno do desejo que estava recalçado, o eu se defende com o estranhamento, utilizando freqüentemente para isso a regressão a formas

¹⁸⁸ Freud, S., O estranho, p. 307.

de funcionamento formalmente menos elaboradas. Não sabemos ainda por que o estranhamento se dá, e não outra forma de o eu se defender como acontece mais freqüentemente.

O caráter familiar do estranho deve-se ao retorno de um desejo recalçado, não sendo algo novo que participa da experiência de estranheza. Obviamente seu aspecto familiar não pode ser sentido pelo sujeito durante a experiência; a sensação que ela traz é o assustador, a angústia sob a forma de uma inquietante estranheza. A familiaridade só pode ser identificada posteriormente, após o trabalho de interpretação e construção, quando o sujeito pode se recolocar em cena e não mais “ser vivido passivamente” pela experiência.

Deste modo, o familiar está ocultado pela aparição da estranheza. O estranho pode ser pensado como uma experiência que está na fronteira entre o que o sujeito desconhece e o que reconhece de seu desejo, pois, por um lado, ele disfarça o retorno do desejo recalçado para que o eu não o reconheça e por outro, a angústia que o acompanha não engana. Assim, talvez o que reste na experiência de estranheza seja sua ligação com a angústia, o afeto não eliminado, justamente o que não engana na experiência.

Esta dissertação tratou primordialmente da investigação do estranho na neurose. Um novo passo seria delimitar, em termos metapsicológicos, quais as diferenças entre a experiência de estranhamento nas neuroses e nas psicoses.

Como foi destacado, o estranho se relaciona com um desejo inconsciente recalcado que retorna e pode ser percebido, mesmo que com a qualidade de estranhamento, em sua ligação com fenômenos que têm propósitos defensivos de manter algum conteúdo distanciado do eu. Ao mesmo tempo, estes fenômenos – duplicação, divisão, desrealização – se relacionam a falhas nas funções do eu. Este retrato inclui o estranhamento em uma posição peculiar que trata, ao mesmo tempo, de uma defesa e de uma falha defensiva. Como foi dito, uma defesa que não é bem-sucedida em eliminar a angústia e que não poupa o sujeito da vivência de sua fragilidade e relativa desorganização.

Para pensar a relação do estranho com a psicose, teríamos que abordá-lo com o auxílio de outras noções teóricas. Teríamos que focalizar a rejeição (*Verwerfung*), mecanismo específico da psicose trabalhado por Lacan sob o nome de forclusão, discutindo inicialmente se há a intervenção do recalque na psicose. Se o neurótico se defende de um desejo recalcado, e isso pode afetar sua percepção da realidade quando sente o impacto de uma sensação como o estranhamento, na psicose a perda da realidade é mais acentuada. Desse modo, quais são as relações da perda da realidade na psicose com o estranhamento?

Concluindo, o estranho envolve o conteúdo recalcado que retorna ameaçando o eu, quando deveria ter permanecido oculto. Este fato é sinalizado pela angústia. Junto com a emergência da angústia, a sensação de estranheza é

um colorido peculiar, causado pela regressão do eu a formas mais desorganizadas de funcionamento para se defender do desejo recalçado.

Sem desconsiderar a possibilidade de leituras diferentes de O estranho, propomos a via de considerar o estranho ligado não só à compulsão à repetição, como também a uma defesa que não elimina a angústia e apenas disfarça o retorno do desejo como ponto de apoio para a sua interpretação, por considerarmos que esta pode ter incidências importantes sobre o ato clínico.¹⁸⁹ Em sua ligação com o retorno do desejo recalçado, o estranho é um ponto privilegiado em que a intervenção analítica pode permitir a construção de um saber sobre a experiência subjetiva, levando a uma mudança de posição que permita ao sujeito reorientar-se em relação a seu desejo.

¹⁸⁹ A esse respeito, ver também Vaz, N., *Blue Velvet e a inquietante estranheza*, p. 118, onde o autor afirma que o estranho é “um tema central para desvendar uma via de acesso à angústia na dimensão clínica, onde certos fenômenos de despersonalização ou destituição subjetiva tornam muito delicado um diagnóstico diferencial, a continuidade ou o fim de uma análise e por isso implicam toda referência maior à ética do analista”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]) In: ____
Obras psicológicas completas. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1.

____. Lembranças encobridoras (1899) In: ____ *Obras psicológicas completas*.
ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 3

____. A psicopatologia da vida cotidiana (1901) In: ____ . *Obras psicológicas
completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 6.

____. A significação antitética das palavras primitivas (1910) In: ____ . *Obras
psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 11.

____. O tema dos três escrínios (1913) In: ____ . *Obras psicológicas completas*.
ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12.

____. Totem e tabu (1913 [1912-13]) In: ____ . *Obras psicológicas completas*.
ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 13.

____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) In: ____ . *Obras psicológicas
completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14.

____. As pulsões e suas vicissitudes (1915) In: ____ . *Obras psicológicas
completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14.

____ . O recalque (1915) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 14.

____ . Conferência XXV – A angústia (1916-1917) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 16.

____ . Conferência XXVI – A teoria da libido e o narcisismo (1916-1917) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 16.

____ . O ‘estranho’ (1919) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 17.

____ . Além do princípio de prazer (1920) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.

____ . O eu e o isso (1923) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____ . Neurose e psicose (1924 1923) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____ . A negativa (1925) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____ . Inibições, sintomas e angústia (1926 [1925]) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 20.

____. Conferência XXXII - Angústia e vida pulsional (1933 [1932]) In: ____ .
Obras psicológicas completas. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22.

____. Conferência XXXIII - Feminilidade (1932) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22.

____. Um distúrbio de memória na Acrópole (1936) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22.

BAAS, B. *A angústia e a verdade*. In: ____ . Latusa 4/5. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise 2000.

DIAS, S. *Paixões do ser: uma captura monstruosa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

DÜRRENMATT, F. *Der Doppelgänger*. Zurich, 1960, Verlags AG *Die Arche*, pág. 26. In: Rank, O., *El doble*, p.29.

FERENCZI, S. & RANK, O. *The development of psycho-analysis*. New York Dover Publications, 1956.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: ____ . *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

____. *O seminário livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. *O seminário livro IV: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. *O seminário livro X: angústia*. Inédito. 1962-1963

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOFFMANN, E.T.A. *O homem da areia*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

MEIRELES, C. *...A estética fundamenta a arte!...* In: *Imagem escrita*. Graal Editora, 1999.

PERNIOLA, M. A estética do século XX. Citado em: *...A estética fundamenta a arte!...* In: *Imagem escrita*. Graal Editora, 1999.

PLATH, S. *Poemas*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

RABINOVICH, D. *La angustia y el deseo del Outro*. Buenos Aires: Manatíal, 1988.

RANK, O. *Don Juan et le double*. Bibliothèque Payot, 1973.

_____. *El doble*. Buenos Aires: Ediciones Orión, 1978.

ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix, 1976.

ROSSET, C. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: L&PM editores, 1998.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RUDGE, A. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VAZ, N. *Blue Velvet e a inquietante estranheza*. In: _____. Rio de Janeiro: Revista da Letra Freudiana.

VIEIRA, M. *A inquietante estranheza*. In: _____. Latusa 4/5. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise 2000.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústia” (1895 [1894]) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 3.

____. Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia (1895) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 3.

____. A interpretação dos sonhos (1900) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 4.

____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 11.

____. Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental (1911) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12.

____. Recordar, repetir, elaborar (1914) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12.

____. ‘Uma criança é espancada’: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 17.

____. Psicologia de grupo e a análise do eu (1921) In: ____ *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.

____. Dois verbetes de enciclopédia (1923 1922) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.

____. Uma neurose demoníaca do séc. XVII (1923 [1922]) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____. O problema econômico do masoquismo (1924) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

____. A divisão do eu no processo de defesa (1940 [1938]) In: ____ . *Obras psicológicas completas*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 23.

AULAGNIER, P. *O eu e suas interpretações*. Tempo Psicanalítico nº 26. SPID, 1992.

CESAROTTO, O. *No olho do outro: o homem da areia segundo Hoffman, Freud e Gaiman*. Iluminuras, 1996.

CORBINEAU, G. *Freud e o pensamento da diferença*. Cadernos do tempo Psicanalítico nº 2, SPID, 1996.

____. *Do totem à Acrópole – a cultura da angústia*. Boletim pós-graduação Teoria Psicanalítica. UFRJ, 1994.

_____. *As meditações de Freud sobre a Acrópole*. Boletim pós-graduação Teoria Psicanalítica. UFRJ, 1994.

_____. *O mal estar na Acrópole: o paradoxo do prazer*. Boletim pós-graduação Teoria Psicanalítica. UFRJ, 1994.

FRANÇA, M. *Lapso de imagem: traço de origem*. Tempo Psicanalítico n° 24, SPID, 1990.

GARCIA-ROZA, L.-A. *Introdução à metapsicologia freudiana 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana 3*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

JACOBSEN, M. B. *The statue man*. In: *Lacan the absolute master*. Stanford University Press, 1991.

MAUPASSANT, G. *O Horlá*. Lisboa: Difel, 1987.

PENOT, B. *Figuras da recusa a quem do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

POE, E.A. *Histórias extraordinárias*. Abril Cultural, 1978.

RUDGE, A. *Considerações sobre a realidade psíquica*. In: *Cadernos do tempo psicanalítico* n° 2, SPID, 1996.

SAFOUAN, M. *Angústia-sintoma-inibição*. Papirus, 1989.

SANTNER, E. *A Alemanha de Schreber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

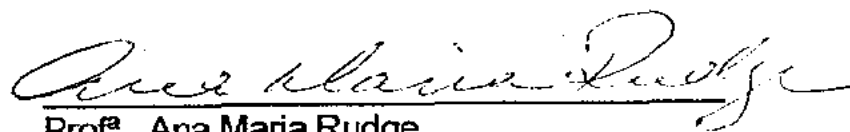
SOUZA, O. *Fantasia de Brasil*. São Paulo: Escuta, 1994.

_____. *A metapsicologia e as opções éticas dos psicanalistas*. In: *Cultura da ilusão*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

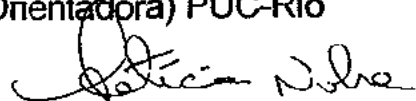
SZTAJNBERG, R. *Da ilha para o continente: vicissitudes no trajeto da constituição subjetiva*. Cadernos de psicanálise no. 13 SPCRJ, 1992.

ZIZEK, S. *Looking awury: an introduction to Jacques Lacan*. The Mit Press, 1997.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Carla de Sá Freire Carvalho da Cunha, intitulada "*O estranho - Uma investigação na teoria freudiana*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof.^a. Ana Maria Rudge
(Orientadora) PUC-Rio

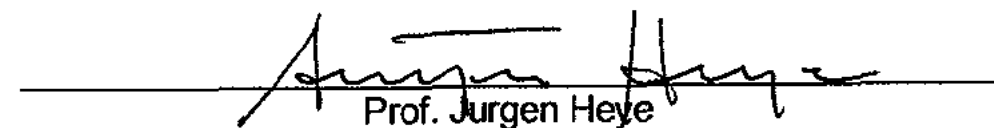


Profa. Leticia Beatriz de Souza Nobre
UGF



Prof. Octavio Almeida de Souza
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ..9...11.12000.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas